

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

JÚLIA CARDONI

**Casa Liberdade: uma perspectiva antropológica sobre trabalho  
colaborativo na contemporaneidade**

Porto Alegre  
2014

*Júlia Cardoni*

**Casa Liberdade: uma perspectiva antropológica sobre trabalho  
colaborativo na contemporaneidade**

Trabalho de conclusão de curso, submetido ao curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Porto Alegre  
2014

*Júlia Cardoni*

**Casa Liberdade: uma perspectiva antropológica sobre trabalho  
colaborativo na contemporaneidade**

Trabalho de conclusão de curso,  
submetido ao curso de Ciências Sociais  
do Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanos, da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em  
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo (orientador)

---

Prof. Dr. Ruben Oliven

---

Prof. Patrícia Kunrath da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Me faltam palavras para agradecer. Este trabalho significa a conclusão de uma etapa importante da minha vida e o início de uma nova e longa jornada acadêmica, ainda me faltarão muitas palavras ao longo dessa trajetória.

Quero agradecer aqueles que criaram o “meu mundo” e o fazem tão fantástico. Aos meu pais que me fizeram amar os saberes, ao meus avós que me ensinaram como é bom ouvir histórias e ao meu irmão que montou a trilha sonora da minha vida. Parece inapropriado dizer isso aqui mas “quem tem amigos tem tudo” e não posso deixar de mencioná-los, aqueles com quem me deparo a debater a existência e que me fazem sentir uma pessoa melhor a cada encontro. Muito obrigada.

## **RESUMO**

Este estudo, desenvolvido através dos pressupostos da etnografia, foi realizado em uma comunidade de economia colaborativa na cidade de Porto Alegre. O termo “economia colaborativa” é trazido para análise pensando as relações híbridas entre os participantes da comunidade, entre laços afetivos e econômicos em uma configuração horizontal de organização, sem hierarquias formalmente estabelecidas. Através das práticas observadas na comunidade e no espaço virtual em que se comunicam, é possível refletir sobre a performance e o culto à colaboração para que o coletivo siga existindo.

Palavras-chave: etnografia, redes, econômica colaborativa, globalização, etnografia online.

## **ABSTRACT**

This study, developed through ethnography assumptions, was held in a community of collaborative economy in the city of Porto Alegre. The term "collaborative economy" is brought to analysis thinking about the hybrid relations among community participants, including emotional and economic ties in a horizontal configuration organization without hierarchies formally established. Through the practices observed in the community and in the virtual space it is possible to reflect about the performance and the cult of collaboration for the existence of the group.

Keywords: ethnography, network, collaborative economy, globalization, online ethnography.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 A CASA E A COISA: COMO CONTAR ESSA HISTÓRIA? .....</b>	<b>12</b>
2.1 CAINDO NA REDE: UMA COMUNIDADE DE SENTIMENTOS .....	16
2.2 TRAJETÓRIAS: PROJETOS DE VIDA .....	23
2.2.1 MAITÊ.....	24
2.2.2 LUANA.....	26
2.2.3 FÊ .....	27
<b>3 AUTO-DESCRIÇÃO: A COMPREENSÃO DA COMUNIDADE NA SUA PRÓPRIA LINGUAGEM ..</b>	<b>36</b>
<b>4 A CONSTRUÇÃO DO “ESPÍRITO COLABORATIVO” .....</b>	<b>45</b>
<b>5 CONFLITOS REVELADORES: QUEM É O RESPONSÁVEL? .....</b>	<b>54</b>
5.1 O COCÔ DO CACHORRO NA SALA .....	54
5.2 “A CONTA NÃO VAI FECHAR” .....	58
<i>REFERÊNCIAS</i> .....	65
<i>APÊNDICE A</i> .....	67
<i>ANEXOS</i> .....	70

## INTRODUÇÃO

Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isto desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar "novos métodos etnográficos". Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (PEIRANO, 2014, p. 3)

O presente trabalho situa-se na área de Antropologia Econômica, pensando as relações afetivas e econômicas em um espaço de trabalho e colaboração na cidade de Porto Alegre, na chamada Casa Liberdade, localizada justamente na rua Liberdade, no limite entre o bairro Rio Branco e o bairro Mont Serra, área considerada “nobre” na cidade.

A pesquisa foi realizada através dos pressupostos da tradição etnográfica, com observação-participante no espaço da Casa assim como na página virtual da comunidade no facebook, uma etnografia online (LEWGOY, 2009) em um ambiente em que ocorrem diversas negociações sobre a manutenção do espaço. Também foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas com diversos participantes do espaço além de reuniões que ocorreram de outubro de 2013 a novembro de 2014. Foram treze meses de campo de intenso acompanhamento virtual e periódicas observações e participações presenciais. Dessa forma, o trabalho não é apenas conjunto como também colaborativo, uso este termo pois a ciência dos informantes sobre o propósito do projeto de pesquisa e a suas disponibilidades para que ele fosse possível definem-se de fato pela intenção de colaborar, assim como eu desejo ter colaborado com este para a ressignificação das práticas desse espaço, ao qual dedico esse estudo.

Ao longo dos debates que serão trazidos sobre responsabilidades com o espaço e com os outros não citarei nomes em respeito aos membros da comunidade da Casa. Membros que compartilharam suas percepções de forma

livre e autônoma e sem a pretensão de que suas manifestações se tornassem documento e sim pela emoção dos momentos vividos.

Neste trabalho, apresento a Casa Liberdade como um exemplo de comunidade que se organiza através da Economia Colaborativa, termo êmico que será trabalhado a seguir. Uma das peculiaridades dessa comunidade é a estrutura horizontal que a constitui a partir da inexistência de lideranças oficializadas e a dependência de colaborações espontâneas de seus participantes para que siga existindo. Ao longo deste estudo a horizontalização será questionada para que possamos pensar em um “culto” à horizontalização e a negação de hierarquias, por mais que estas se revelem em certas condições. O primordial nessa estrutura são as formas com que os indivíduos agem, transitando nesse espaço híbrido entre relações econômicas e afetivas (ZELIZER, 2005). Para dar início a essas reflexões cabe ressaltar o processo de negociação para entrada em campo.

Figura 1: Caixa de colaboração da Casa Liberdade



Visitante Querido!

Ter você aqui é demais  
Não querendo ser atrevido  
Já te peço alguns reais

Te apresento esta caixinha  
Feita de amor e gratidão  
Juntamos aqui alguns “pilinhas”  
Para manter esse casarão

Não se sinta pressionado  
Contribua com quanto puder  
Fica aqui meu obrigada  
E volte sempre que quiser

(Verso escrito na “caixinha de colaboração” localizada na entrada da Casa).

Fonte: Reprodução, 2014.

A negociação para entrada em campo é de fato um momento revelador. Em um encontro inesperado com um membro da comunidade colaborativa, comento minha intenção de visitar a Casa Liberdade, exponho a vontade de realizar um estudo em conjunto com os participantes da Casa e rapidamente menciono a periodicidade e intensidade da pesquisa, imediatamente recebo um olhar compreensivo e atento e a proposta de dividir os gastos da Casa.

Admito que não estava pronta para esse tipo de reação, jamais havia imaginado monetizar minhas relações em um estudo etnográfico e menos ainda pagar para estar em campo, mas esse episódio me fez pensar sobre o universo que me insiro e de certa forma me revelou algumas questões fundamentais para o início desse campo; o princípio fundamental para existência daquele espaço: também sou responsável por essa Casa.

Contive minha surpresa com a informação e reagi com curiosidade sem definir nenhuma postura. Algumas questões surgiram com esse primeiro episódio, a negociação aqui, não é apenas econômica mas também no sentido etnográfico, enquanto processo de entrada em campo. Por quê iria me colocar em uma situação diferenciada dentro da Casa, se, como todos os outros, também estou exercendo meu trabalho? Não poderia surgir uma relação de favores dessa primeira negociação, trata-se de um espaço de colaboração, colaborar e me responsabilizar por tudo aquilo é, nada mais nada menos, que construir o próprio campo.

A não banalidade dessa discussão se dá por motivos óbvios, o campo é um espaço colaborativo de trabalhos em que todos compartilham gastos independente do que fazem, a “saia justa” desse primeiro contato revela, desde o início, a configuração do campo, constituído a partir de relações afetivas e econômicas, de interesses e desinteresses (BOURDIEU, 1996).

Pensando nessa configuração, a análise do fenômeno econômico e social da Casa Liberdade está dividido em cinco capítulos. No primeiro momento há uma apresentação sobre o funcionamento da Casa, tornando possível pensar os indivíduos que nela agem e a forma como se organizam para que seja possível manter o espaço a partir das contribuições espontâneas. No segundo momento será abordada a “auto-declaração” do grupo, em que se analisa desde os “propósitos” para a existência do espaço até as formas como cada participante da Casa deve se portar.

No terceiro momento, pensa-se o “culto à horizontalização” que se coloca através de ritualizações e discursos para que indivíduos sejam envolvidos com densidade e afetem a eles mesmos de forma que se disponibilizem a contribuir financeiramente com o espaço e mantê-lo “vivo”, como um “ecossistema”. Na sequência é possível refletir sobre a rede que também é afetada pelos discursos e mobilizada a efetuar transações para colaborar no pagamento das contas da Casa, a rede será devidamente contextualizada para que seja possível identificar sua eficácia para existência do espaço.

Finalmente é possível pensar e visualizar os conceitos trazidos através de acontecimentos e conflitos do campo que demonstram as sutilezas dessa linguagem colaborativa, revelando a sua obrigatoriedade.

Os elementos contidos nesse trabalho pertencem a um momento no tempo em que apostas em um “novo sistema” ou em um “novo circuito” são feitas por um grupo de jovens de classe média alta na capital gaúcha, apesar da localidade específica pode-se pensar em uma perspectiva global, visto que a rede potencializa sentimentos comuns. A inconstância do coletivo e a incerteza sobre a permanência do espaço da Casa em função do seu custo mensal potencializa emoções por parte dos envolvidos. Revelam-se conflitos, dúvidas sobre a pertinência do espaço e testemunhos que seguem um trabalho cíclico de resignificação do clássico “dar, receber e retribuir” (MAUSS, 2003), dando ênfase ao ato de “dar”. A resignificação constante é a razão de ser desse coletivo, é o que dá sentido às trocas. É sobre as sutilezas desses discursos e esse envolvimento denso como premissa existencial do espaço, que esse trabalho é construído.

## 2 A CASA E A COISA: COMO CONTAR ESSA HISTÓRIA?

Uma casa ampla, no topo de uma rua íngreme que ao subir a pé “faz pensar sobre a vida”. A Casa Liberdade é localizada justamente na Rua Liberdade no bairro Rio Branco, cidade de Porto Alegre. Toca-se o interfone mas o nome do visitante não importa, a porta se abre para quem a quiser conhecer. A Casa é um espaço de possibilidades diversas, possibilidade de afetos, de redes de trabalho, de projetos de vida e também da possibilidade de encontrar-se. (Trecho de Diário de Campo, reflexão I)

A visão romantizada expressa no diário de campo explicita de início uma percepção latente que foi compartilhada no processo etnográfico, a ideia de que a Casa é um ambiente de incertezas, não se há uma definição concreta de como a manutenção e funcionamento do espaço se dão, é a partir da experiência no espaço que se “aprende a mantê-lo e a se responsabilizar por ele”. É um campo híbrido em que se propagam relações econômicas e afetivas. A partir das incertezas sobre a forma que cada um deve agir é que se constroem discursos romantizados sobre a troca e a colaboração para a existência de um coletivo.

A Casa e a “coisa”, como menciona Ingold (2012) ao pensar o emaranhado de relações que “dão vida ao objeto”, tornou-se complexa na medida que me inseri no campo. Para tornar o objeto de pesquisa mais claro, devo retomar meu primeiro grande equívoco na entrada em campo.

Minha intenção desde o projeto de pesquisa era estudar o fenômeno de *coworkings*, que nada mais é do que um escritório compartilhado, onde indivíduos de diversas áreas alugam espaços de trabalho com facilidades (wifi, estacionamento, café), partindo dessa intenção, busquei um espaço de *coworking* que fosse interessante para realizar um trabalho dentro da tradição etnográfica, foi desta forma que cheguei a Casa Liberdade.

Eu estive extraordinariamente equivocada até o primeiro passo que dei na Casa. A Casa não podia ser entendida por um *coworking*, senão por todas aquelas possibilidades que citei há pouco, um espaço em que jovens de aproximadamente 25 a 35 anos encontram-se para compartilhar projetos, das mais diversas intenções, e custos, que são compartilhados de forma espontânea. Cada indivíduo contribui com a quantia que pode com o objetivo

de sancionar o valor do aluguel e demais contas da Casa que se aproximam à 8.500,00 reais por mês.

Devo explicar melhor, a Casa Liberdade pratica o que se chama Economia Colaborativa. Este termo é mencionado pelos participantes da Casa para explicar o que se executa naquele ambiente, trata-se de uma economia baseada em trocas que pretende “empoderar o coletivo” nesses próprios termos, na crença em uma rede que permite “fluxos” de pessoas, coisas e informações que geram práticas solidárias e sustentáveis. A premissa fundamental trazida para o contexto da Casa é que a colaboração gera um fluxo de projetos, que inclui pessoas e arrecada dinheiro e dessa forma diminui o volume das transações individuais, ou seja, o coletivo colabora e compartilha projetos de trabalho e custos da Casa, tornando viável a satisfação tanto individual como coletiva. Os jovens que participam da Casa, não moram ali, apenas a ocupam em horário comercial ou em eventos do coletivo e possuem formações variadas, como jornalismo, publicidade, design, administração, direito entre outras que não necessariamente signifique que estejam atuando de alguma forma nessas áreas, muitos deles criaram e criam projetos que seguem um discurso de “auto-realização”, afirmando que “representam o que são e pensam” como indivíduos e não enquanto profissionais “deformados” por suas graduações, como afirmado jocosamente. Encontram-se então projetos de diversas modalidades, relacionados à gastronomia com alimentos orgânicos (empresa Todo Bolo), geração de “conteúdo significativo”<sup>1</sup> para internet (Sopro Conteúdo e Bonsai), plataformas online de colaboração e troca (Engage) além de workshops que podem ser oferecidos por qualquer um que tenha algo a dizer sobre alguma coisa, seja fazer pão ou calcular estratégias financeiras.

O cálculo parece simples: jovens com projetos dos mais variados estilos e um espaço para executá-los, a questão que está por trás dessa relação tempo-espaço é a ideia de rede que envolve e mantém a Casa Liberdade. A rede é composta por pessoas físicas ao redor do mundo que acreditam na matriz da economia colaborativa e apoiam a ideia do espaço e dos projetos que surgem dela. Dessa forma, a rede se sustenta, pela “crença” na reciprocidade,

---

<sup>1</sup> O discurso de criação de “conteúdo significativo” está em oposição a um material publicitário comum, o intuito é atribuir valor à prática de redação realizada pela empresa.

ao final de cada mês a rede se mobiliza para efetuar contribuições espontâneas em uma plataforma online e segura que disponibiliza que os agentes da rede façam depósitos na conta da Casa.

O esquema a baixo, idealizado pela comunidade da Casa, ilustra a crença compartilhada entre os participantes da Casa e da rede que apoia a existência do ciclo:

Figura 3: Ciclo de crenças compartilhadas pelos participantes da Casa



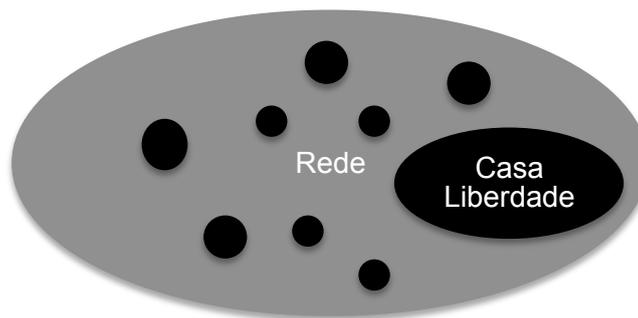
Fonte: Ilustração própria, conteúdo disponível em:

<http://www.facebook.com/groups/casaliberdade/> acesso em março de 2013)

Partindo desse “ciclo da abundância”<sup>2</sup> como explicitam os participantes da Casa, em que a troca é premissa básica para a existência do espaço, vemos a rede colaborativa ocupando um papel central para a manutenção do lugar, não apenas por garantir que as contas sejam pagas e que os indivíduos possam seguir usufruindo do espaço, mas principalmente porque a dádiva da rede é o que dá sentido para a existência daquilo que se vive ali.

<sup>2</sup> “Ciclo da abundância” é o nome dado para um dos princípios da Casa, em que todos colaboram de forma que haja “ganhos” para todos.

Figura 4: Rede-Casa



Fonte: Autora.

A singela ilustração que elaborei tem o propósito de deixar clara a ideia de complementariedade “rede-casa”, a Casa Liberdade é produto das relações entre a rede de colaboradores, ela se expande para além das paredes da Casa e constrói um emaranhado de relações que sustentam a existência da mesma. A rede sustenta a Casa não apenas ideologicamente, pela crença na colaboração, mas também no sentido econômico, a partir do depósito de quantias de dinheiro espontâneas ao mês.

Nesse sentido, cito Caillé (1995) ao refletir sobre o paradigma da dádiva:

A rede é o conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações interpessoais, de amizade ou de camaradagem, permite conservar e esperar confiança e fidelidade. Mais do que em relação aos que estão fora da rede, em todo caso. A única coisa que falta *a priori* nessas análises é reconhecer que essa aliança generalizada que constitui as redes, atualmente como nas sociedades arcaicas, só se cria a partir da aposta da dádiva e da confiança. (CAILLÉ, 1995, p. 14)

O presente trabalho não tem o intuito de traçar um mapeamento detalhado da rede, pois apesar do interesse nessa abordagem, construirei um debate acerca da produção de discursos que parte de dentro da comunidade e que se expande globalmente através da rede. Um estudo da rede, *per se*, é algo que exige um esforço único e que pretende ser trabalhado em um estudo posterior.

## 2.1 CAINDO NA REDE: UMA COMUNIDADE DE SENTIMENTOS

A ágil capacidade de compartilhamento tanto pelo tempo que ocorrem como no espaço, em diversas partes do globo, torna fascinante a observação da rede que engloba a Casa, a eficácia da rede me chamou atenção em um episódio específico. Por mais que este trabalho não vá se deter ao estudo da rede, como mencionei anteriormente, cabe ilustrá-la através de um fato ocorrido em campo que fez com que a rede se tornasse explícita.

O subtítulo “caindo na rede” remete a ideia de Mariza Peirano (2014) ao iniciar seu campo, assim como ela, fui surpreendida pelo campo, que iniciou-se sem que eu pudesse prever:

Deste episódio fica claro que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p. 8).

É dessa forma que o campo inicia na rede, sem querer eu já estava envolvida, e é justamente dessa forma que a rede funciona, o interesse leva a uma responsabilidade que inevitavelmente fideliza a rede. O caso aconteceu por um “like” no facebook. Apenas por demonstrar interesse por um tópico de discussão que surgiu em minha página fui convidada a participar da organização de um evento de debates no meu próprio campo. O tópico de discussão era: “Is this the end of work?” organizado por uma comunidade global chamada Ouishare, originalmente fundada em Paris mas que hoje se dissemina em diversas regiões do mundo através da rede. A questão que quero compartilhar nesse momento é a forma como “caí nessa rede”.

Participo da página virtual da Casa Liberdade, é através desse ambiente virtual que eu, e todos os participantes da Casa, se informam sobre os acontecimentos que nela ocorrem ou que fazem parte da rede, como: eventos, oficinas, cursos, projetos e até os gastos de manutenção. Foi então que um

dos participantes da Casa, publica o tópico “Is this the end of work?” na página e pergunta por interessados no tema para promover uma discussão na Casa.

O interesse em pensar em configurações de trabalho, resignificação do trabalho e circuitos não tradicionais desse trabalho sempre foram centrais nos objetivos do campo na Casa Liberdade e nas demais reflexões acerca do sistema de “coworkings” que tanto me intriga. Dessa forma, “curti” a publicação através da página e imediatamente já fui convidada a ajudar a organizar o evento de debate, inicialmente concordei com a proposta de organização e marcamos uma primeira reunião presencial. Defini que meu envolvimento seria superficial e que deixaria a organização do evento ocorrer sem grandes manifestações de minha parte, mas já na primeira reunião estava completamente envolvida, dividimos responsabilidades e todos os participantes daquele encontro eram igualmente responsáveis pelo sucesso do mesmo.

Ao mesmo tempo que eu tinha o controle de organizar o debate para responder às questões do meu próprio interesse antropológico, também poderia causar impactos negativos no grupo por chegar em um local desconhecido, coordenar e invadir o grupo de perguntas. Me senti em uma armadilha. O evento de discussão sobre “Is this the end of work?” estava agendado para segunda-feira à noite, às 19h, o mesmo evento ocorreria às 19h de Paris (sede da semelhante comunidade do Ouishare), a ideia era que todas as cidades vinculadas a rede de colaboração debatessem o tema do evento ao mesmo tempo postando no twitter algumas frases marcantes através do “hashtag” #OSOpenCircles.

No sábado recebo um e-mail do principal correspondente do Ouishare na Casa Liberdade, que estava centrando a organização do evento, informava que em função de um trabalho em São Paulo não poderia estar presente no momento do debate, a responsabilidade por toda coordenação do evento foi imediatamente passada para mim, que naquele momento só havia entrado na Casa duas vezes e mal conhecia o seu funcionamento.

Enfim chegou a noite de segunda-feira. Organizamos a grande sala da Casa, chamada de Nave e preparamos um café, aos poucos alguns membros da Casa foram se aproximando e sentando nos pufes para darmos início ao encontro. Iniciamos com apresentações das sete pessoas que estavam ali, além do nome e de uma breve biografia, os participantes deveriam definir em

uma palavra o significado de trabalho para cada um. Surgiu então as seguintes palavras: dinheiro, liberdade, construção, criação, criatividade e busca. A ideia de motivar palavras representativas serviu muito bem para dar início ao debate que se prolongou por aproximadamente 1h30, o primeiro tópico mencionado foi sobre o sistema de economia colaborativa que viviam ali dentro, relativizando a condição de brancos e classe média alta que possuíam e levando em consideração que grande parte da população não teria condição de viver esse risco, sabendo que qualquer problema “o papai” pode ajudar, como diziam alguns em tom irônico e crítico porém realista. Independente de posições sócio políticas, o grupo entrou em consenso de que ali estavam “resignificando o trabalho”, nesses termos.

Para além dos dados trazidos nesse debate sobre o “fim do trabalho”, a questão que se revela aqui é mais como esse debate ocorreu do que o quê ocorreu. O que merece destaque é que os participantes da Casa debatiam temas ao mesmo tempo que outros membros da rede em Paris os debatiam, ambas as comunidades possuem semelhanças, são pautadas na colaboração e no incentivo a troca e é através desse “sentimento” que se conectam. A ligação Porto Alegre – Paris para uma espécie de evento de debates internacional sem nenhuma troca monetária não poderia ser banalizada frente a discussão que se poderia construir acerca das redes e sua eficácia, o que se demonstra nesse pequeno exemplo são as formas de manter a eficácia da rede, pelo simples fato de duas comunidades distintas, mas com sentimentos e imaginações compartilhadas, proporcionarem os mesmos debates, sobre os mesmos temas em pontos completamente diferentes e distantes no globo. A eficácia da rede, nesse breve exemplo, desperta um “sentimento comum”, que é trabalhado a partir de elementos simbólicos como o uso de “hashtags” para sinalizar a união dos eventos em Paris e Porto Alegre, a sincronia entre os horários de ocorrência do evento e a fotografia ao final do encontro em que se fazia um gesto específico com as mãos.

Também é curioso pensar que o meu envolvimento com a rede se deu de forma espontânea e inclusiva. Ao manifestar interesse por um tema a ser debatido em grupo, fui responsabilizada pelo encontro havia uma ‘obrigação

moral' de fazer com que o encontro ocorresse. Meu envolvimento 'interessado' (por razões de pesquisa) motivou minha inclusão na rede, mas de qualquer forma, me atribuíram responsabilidades externas que não solicitei. O interesse, seja ele qualquer é legítimo de responsabilização.

A rede não é algo dado, é ao mesmo tempo simples e complexa. Simples pois parte de conexões entre interesses diversos, solicitações de ajuda, compartilhamento de percepções variadas e ofertas de todos os tipos. E é complexa pois a dimensão dos interesses que se conectam tomam uma forma surpreendente como as que illustrei; um encontro Paris-Porto Alegre para potencializar um debate que perpassa a prática de duas comunidades. A simplicidade e a complexidade da rede é uma questão de perspectiva, me parece interessante pensar a rede neste caso enquanto "meshwork" (INGOLD, 2012), em que a Casa é sustentada por esse emaranhado tanto no sentido simbólico como econômico, tomando "vida própria" no que se refere ao "manter-se viva" e a persistir em um sistema vulnerável. As imagens a seguir são referentes aos espaços e atividades da Casa Liberdade<sup>3</sup>.

Figura 5: Casa Liberdade



(Encontro na "Nave", sala principal da Casa, curso de finanças para freelancers)  
Fonte: Facebook, 2014.

Figura 6: Casa Liberdade.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/casaliberdade/>>. Acesso em: 28 out. 2014.



Fonte: Facebook, 2014

Figura 7: Casa Liberdade.



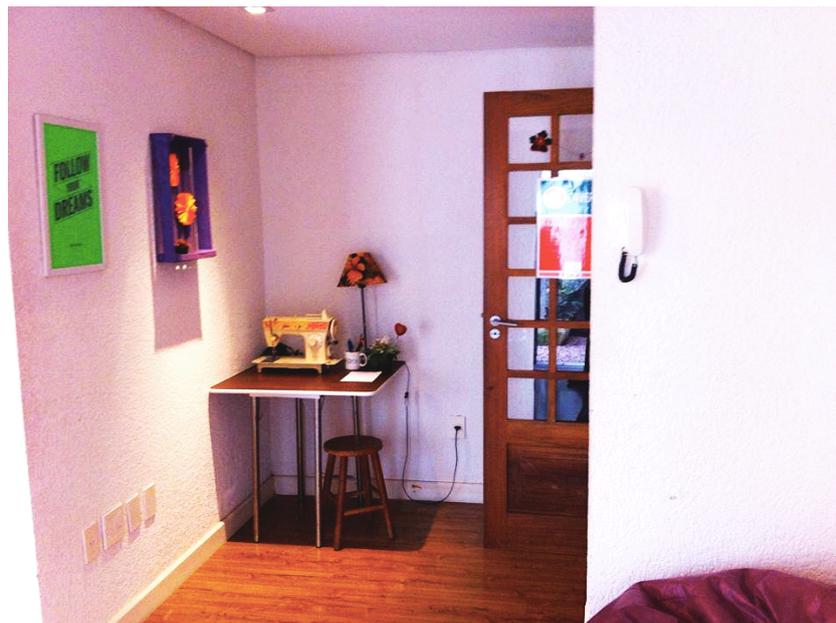
Fonte: Facebook, 2014.

Figura 8: Casa Liberdade.



(Quadros com frases emblemáticas que representam as empresas criadas na Casa Liberdade)  
Fonte: Facebook, 2014.

Figura 9: Casa Liberdade.



(Local para estudos e trabalhos)  
Fonte, Facebook, 2014.

Figura 10: Casa Liberdade.



(Local para estudos, trabalho ou reuniões)  
Fonte: Facebook, 2014.

## 2.2 TRAJETÓRIAS: PROJETOS DE VIDA

A razão da Casa existir não é a Casa, é o que acontece aqui, são os projetos que a Casa gera. Isso aqui funciona na base das relações e é preciso cuidar das relações. Não somos nós que fazemos a Casa Liberdade, é a Casa Liberdade que faz a gente, o imaginário da Casa forma a unidade comunidade, 'comum-unidade', entende? (Registros de debate no diário de campo, agosto 2014)

Entrar na Casa envolve reconhecer quem a produz, nesse capítulo irei apresentar o público da Casa Liberdade a partir de alguns jovens, principais interlocutores desse estudo, que revelam, a partir de suas trajetórias, o sentido da existência desse espaço. O trabalho que se segue prioriza a atenção para a experiência do coletivo enquanto comunidade em formação ao invés de relatos e experiências particulares. Apesar da intenção de compor esse estudo com riqueza em ambas as perspectivas, tanto individual como coletiva, tive que fazer certas escolhas conceituais para manter uma análise coesa. De qualquer forma, o coletivo é formado pelo cruzamento de trajetórias singulares diversas e isso resulta na comunidade da Casa Liberdade, pois apesar de diversos caminhos individuais percorridos pelos seus participantes, há fios condutores comuns que configuram essa “comunidade de sentimentos” que explorarei na sequência.

A dificuldade de descrever a trajetória de todos os participantes dessa comunidade está na complexidade de sua estrutura, fundada no ano de 2012 como sede da empresa Engage<sup>4</sup> (desenvolvedora de softwares), teve um processo de expansão e começou a realizar diversos projetos baseados em uma ideologia de colaboração, conectando pessoas e recebendo outras empresas. Dessa forma passou a compartilhar os custos da Casa com os demais participantes do espaço e a partir de janeiro de 2014, vista a amplitude das conexões e o interesse do público jovem e empreendedor em pertencer ao espaço, tornou-se uma comunidade que hoje sobrevive a partir de contribuições financeiras de quem a ocupa ou apenas admira o projeto. Dentro

---

<sup>4</sup> A Engage era a empresa responsável legalmente pelo aluguel do espaço desde 2012, hoje criou-se uma associação vinculada a empresa para que questões burocráticas não comprometam a empresa.

da Casa, encontra-se uma circulação muito grande de pessoas, há uma média de 15 pessoas trabalhando no espaço da Casa por dia, utilizando as salas, cozinha, mesas de trabalho e terraço. Porém, em dias de eventos podem circular o triplo de pessoas, como em noites de conversa para discutir as finanças da Casa ou mesmo festividades lúdicas. A comunidade da Casa Liberdade no facebook possui 2.665 membros, o que não significa que todos atuem ativamente mas possuem acesso aos acontecimentos discutidos na rede e são chamados a colaborar financeiramente ao fim de cada mês.

Grosso modo há uma variedade extensa de modalidades de interação com a Casa, desde os mais ativos que estão sempre limpando e cuidando do espaço da Casa até aqueles que frequentaram o espaço físico da comunidade apenas uma vez mas que seguem interagindo na rede e colaborando com alguma quantia de dinheiro. No discurso dos membros mais assíduos da comunidade essas distintas modalidades de interação não fazem um membro mais ou menos pertencente ao coletivo, afirmam que são todos igualmente responsáveis por tudo aquilo. Apesar dos discursos, não se pode negar que o engajamento daqueles envolvidos com as questões cotidianas da Casa torna-os mais responsáveis e inclusive mais seguros para falar sobre a comunidade.

Contarei de forma breve a trajetória de alguns membros da comunidade que quando os conheci estiverem envolvidos de forma densa com a rotina da Casa, mas que atualmente já não se consideram tão engajados, pois as modalidades de interação com a comunidade variam de acordo com o momento que cada indivíduo está vivendo.

### 2.2.1 MAITÊ

Maitê tem 25 anos, nasceu em Rosário do Sul – RS mas cursou a faculdade de Jornalismo em Santa Maria – RS, a escolha pelo curso estava pautada no seu gosto pela escrita e pela leitura desde pequena, levando em conta que existia a necessidade de escolher uma profissão e seguir uma “carreira” tradicional para corresponder as expectativas de seus pais. Maitê mudou-se para Porto Alegre sozinha com o apoio financeiro e afetivo dos pais para dar sequência aos estudos e trilhar um caminho profissional estável. Ao chegar na cidade se vinculou à AIESEC (organização não-governamental de

voluntariado para jovens líderes e intercâmbio cultural), teve um envolvimento intenso com a organização dentro de uma estrutura de projetos de engajamento, tal instituição é melhor compreendida a partir do trabalho de Patrícia Kunrath da Silva (2012) em que os “valores da AIESEC” são trazidos para debate. Maitê comenta seu envolvimento e reconhece que a instituição possui uma hierarquia que não corresponde ao que acredita hoje, menciona esse período como um processo de amadurecimento e auto conhecimento mas longe das suas crenças atuais orientadas à colaboração.

Passada a temporada em Porto Alegre, Maitê decidiu expandir a sua busca profissional e mudou-se para São Paulo, lá cursou pós-graduação em Jornalismo Cultural e esteve envolvida com cursos na Hub Escola<sup>5</sup>. Esse momento foi lembrado como significativo na vida de Maitê, em que se encontrou com “mentes abertas” que não havia tido acesso anteriormente, conheceu pessoas que como ela estavam insatisfeitos com a ideia de ser funcionária de uma empresa enorme sem nenhuma flexibilidade. Cada vez mais Maitê se questionava quanto ao que queria ser e dois anos após a chegada em São Paulo sentiu vontade de voltar para casa.

Voltou para Porto Alegre entusiasmada para conhecer pessoas tão “mente aberta” como as que havia conhecido em São Paulo mas agora mais perto da família, principal suporte afetivo e econômico nas mudanças na vida de Maitê. Foi então que ela chegou até a Casa Liberdade. Durante a estadia na capital paulista havia escutado falar sobre o “Estaleiro Liberdade”, uma espécie de curso de autoconhecimento e liderança que auxilia na construção de novos negócios e que tinha sua sede na Casa Liberdade, entre tantos outros acontecimentos. A partir da imersão no curso e na vivência cotidiana com a comunidade da Casa criou a Bonsai, sua própria empresa de comunicação digital, oferecendo aos “parceiros” (termo êmico para “cliente”) “conteúdo significativo” para internet, trazendo um pouco da sua “essência pessoal para atividade profissional”, como destaca. Foi na comunidade da Casa que teve seus primeiros parceiros e iniciou a construir sua rede profissional.

A experiência de Maitê na Casa Liberdade é trazida como um momento de auto- conhecimento, de um encontro com ela mesma que deu origem a seu projeto de vida. Atualmente segue engajada no desenvolvimento da Bonsai,

---

<sup>5</sup> Escola de “inovação social” (<http://www.hubescola.com.br/>)

tendo uma de suas sedes na Casa Liberdade e a outra na sua própria casa. Nas vivências dentro da Casa Liberdade Maitê não construiu apenas a sua rede profissional para a consolidação do seu negócio mas também sua rede afetiva, foi lá que conheceu Victor, seu atual namorado, que esteve envolvido no processo de concepção da Casa Liberdade. Victor possui uma empresa de desenvolvimentos de softwares com cunho colaborativo, criando plataformas de troca virtual e financiamento coletivo.

Apesar das futuras raízes da Bonsai, Maitê não quer se sentir presa, pelo contrário, busca flexibilidade para se deslocar, morar e estudar em qualquer parte do mundo e afirma: “a rede permite essa maleabilidade”.

### 2.2.2 LUANA

Luana sempre sonhou em fazer o curso de Letras mas acabou optando pelo Jornalismo em função da fatídica questão que a ocorria: “o que eu faço com isso?”. A preocupação com a estabilidade financeira e um projeto de “carreira sólida” é algo que a persegue por influencia da família. Porém, o problema de Luana é que ela “foi mordida pelo mosquitinho da viagem”, como menciona jocosamente, possui a necessidade de “se sentir estrangeira”, comenta. Como também participou da AIESEC, esteve no Marrocos e na Alemanha através dos programas de “Intercâmbio Cultural”, o estranhamento com a linguagem a fascina mas a deixa bloqueada para seguir uma vida profissional fora do Brasil.

Luana voltou de viagem e soube da existência do espaço da Casa Liberdade, a conexão entre Luana e a Casa Liberdade foi feita através de um amigo que havia criado sua empresa lá, a Semente: Negócios Sustentáveis, responsável por criar projetos de sustentabilidade para empresas. A inserção na comunidade “foi muito natural”, afirma, ao chegar já iniciou conversar e conexões pois ali “todo mundo é ‘O Grupo’ ”. Comenta que na volta de sua viagem buscou um emprego ou outro mas já estava certa que não era isso que queria: “a Casa já havia me contaminado, queria novas ideias”, menciona.

Na medida que se sentia pertencente a comunidade da Casa Liberdade foi que começou a enxergar como era possível ter seu próprio negócio. Sua

habilidade comunicativa deu origem a sua empresa chamada Sopro, que assim como Maitê, produz conteúdo significativo para internet, afirma que foi a rede da Casa que materializou o seu negócio e destaca que os processos de inserção no mercado se deram de forma muito natural. Luana menciona um certo desconforto quanto a instabilidade financeira na “vida de freelancer”, mas o projeto é “se empoderar, fazer cursos, buscar qualidade, passar por processos criativos e absorver tudo o que vem”, afirma.

Luana me comentou algumas reflexões sobre a experiência na Casa e na medida que conversamos fez associações interessantes, verbalizou: “quando sinto o chamado, vou me responsabilizar por aquilo”. A frase reflete o princípio do engajamento no “espírito colaborativo”, fala-se em “chamado” como alguma necessidade, pendência ou convite em relação à manutenção da comunidade que precisa ser atendida, o ideal da comunidade é que todos “sintam os chamados” na mesma potencialidade para que a Casa e o grupo existam de forma plena.

### 2.2.3 FÊ

Fê é formada em administração mas reconhece que o estereótipo tradicional de “administradora” não contempla nem de perto sua personalidade “flexível, livre e autêntica”, como se apresenta. Devido a sua paixão por cozinha com foco em confeitaria abriu seu próprio negócio, a “Todo Bolo”, produzindo bolos, cookies, brownies e outras especialidade através de um processo artesanal e orgânico. Fê afirma que não se imagina fazendo outra coisa, possui um envolvimento denso com a Casa Liberdade, antes de se dedicar exclusivamente a marca “Todo Bolo” fazia almoços para as pessoas que trabalhavam na Casa pelo valor de 12 reais, deixando 10% do adquirido para a Casa.

Comenta que o envolvimento na Casa Liberdade “é uma questão de se encontrar nesse sistema”, a grande bandeira é “se responsabilizar”. De acordo com a Fê quem não consegue se responsabilizar não consegue se envolver e acaba não voltando mais. Brinca: “aqui é tipo Harry Potter, quando a varinha

escolhe o dono. A Casa escolhe as pessoas pela própria iniciativa das pessoas chegarem aqui sozinhas, apertarem no interfone e permanecerem aqui”.

Fê faz a produção da “Todo Bolo” no espaço da Casa, sua última grande conquista foi comprar um forno industrial que deixa em uma das cozinhas da Casa (são duas no total) e além dos fortes vínculos profissionais possui um namorado, também membro da comunidade, o Freitag. Freitag também possui um projeto particular de facilitação gráfica, oferece um workshop chamado “Quer que eu desenhe?” como o objetivo de fazer as pessoas desenharem suas ideias no sentido de encontrar soluções para problemas ou mesmo criar novos projetos, o propósito é tornar o pensamento visual, enxergando diversos caminhos para uma mesma condição. Ambos se envolvem de forma engajada e comprometida com o espaço da Casa e da comunidade, se responsabilizando por grande parte da manutenção, seja nos cuidados administrativos ou nos cuidados das relações e das “energias” da Casa, como ambos mencionam.

Maitê, Victor, Luana, Fê e Freitag, assim como tantos outros participantes da comunidade, desenham projetos pautados no imaginário de “liberdade”. Os discursos<sup>6</sup> foram trazidos na forma de libertação, as narrativas foram construídas a partir de uma linearidade que refletia um passado preso a estruturas de “emprego”, “carreira” e expectativas familiares. O futuro é imaginado como flexível e livre, com projetos de sucesso e de grande alcance e o presente é relatado como um período de passagem, um “primeiro grande passo” para alcançar tal ideal de vida.

Nesse contexto, cabe retomar a ideia de “projeto” trazida por Gilberto Velho (1986), nas suas palavras, “o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (p.32). Como vemos na Casa Liberdade, os projetos destes, e de outros tantos protagonistas são fruto de um repertório de temas, valores e códigos que circulam por eles acarretando uma densidade afetiva importante. De acordo com Velho (1986):

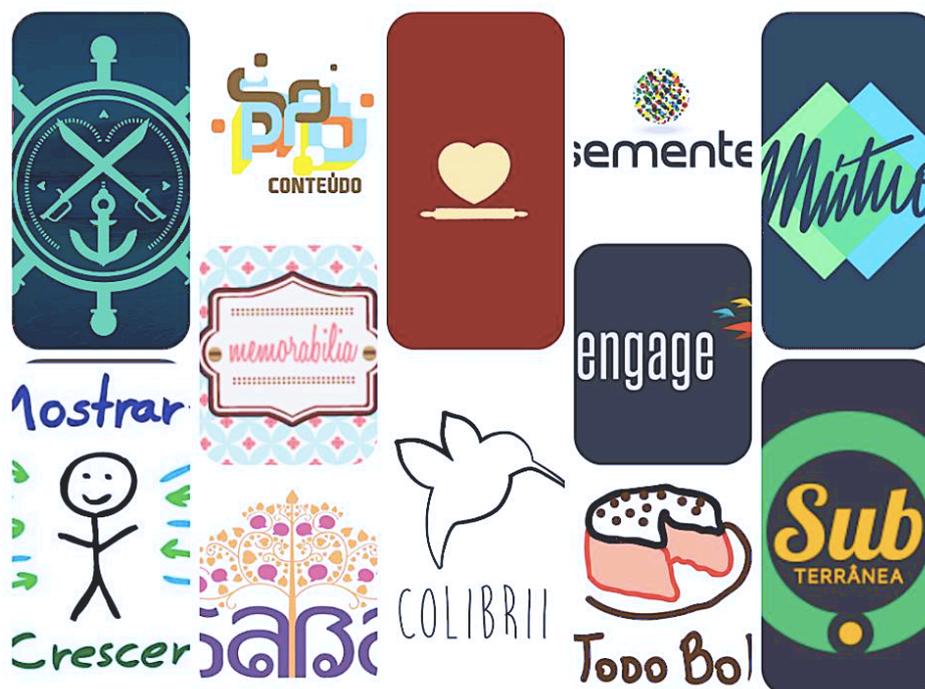
---

<sup>6</sup> Discursos trazidos a partir de entrevistas semi estruturadas além das observações-participantes posteriores

[...] vivemos nesse web of meanings que não foi criado por nenhum de nós individualmente e que expressa a existência e a pressão de uma sociedade e cultura que nos precedem e englobam. Seja holista ou individualista a ideologia dominante, o conjunto de crenças e valores a ela associada é determinante na elaboração da identidade social dos membros da sociedade. (VELHO, 1986, p.49)

Dentro desse “web of meanings”, como menciona o autor, as trajetórias se construíram e o projetos que os participantes da Casa criam são o resultado do entendimento desse contexto. Há uma frase que ilustra bem a ideia de “projeto” introduzida por Velho que foi mencionada por um membro da comunidade, Pedro Lunarís disse: “teus sonhos são a vida tentando se expressar através de você. E você é os projetos que faz”. São sonhos e projetos endereçados por uma condição de classe, como o próprio Velho (1986) apresenta em seu trabalho com famílias de classe média urbana, observa-se códigos e visões de mundo que acentuam a individualização do sujeito, a singularização de projetos particulares mesmo que não perca de vista as condições em que estão inseridos.

Figura 2: Logomarcas de algumas empresas criadas na Casa Liberdade.



Fonte: Reprodução, 2014.



### 2.3 CONFIGURAÇÃO

O breve cenário que reproduzi sobre o funcionamento primário da Casa Liberdade abre espaço para a discussão contextual da Casa, enfim, do que estamos falando? Que tipo de estrutura é essa? O que essa forma de organização revela?

A intenção desta experiência etnográfica é pensar nas relações econômicas transversais (ZELIZER, 2005) entre os participantes da Casa e a rede. Pensa-se a rede enquanto uma estrutura flexível que se constrói a partir do paradigma da dádiva (CAILLÉ, 1995), em um constante dar, receber e retribuir, e em um contexto entendido como “globalizado”, possível de debater novas noções de identidade e expressões de individualismo e “neo-anarquismo” em um contexto de colaboração.

A antropóloga Viviana Zelizer (2005), questiona a separação de um mundo dividido por duas esferas, as das relações econômicas e as das relações afetivas, seriam dois mundos hostis que se encontram e explicitam uma série de peculiaridades sobre a socialização entre esferas, os ditos “mundos conexos”. A separação dessas esferas assim como outros binarismos como; formal *versus* informal e pessoal *versus* impessoal pode ser entendida no contexto desse trabalho enquanto coexistente, da mesma forma que propõe a autora, pensando os fluxos econômicos e afetivos que se complementam.

No trabalho que desenvolvo a partir da Casa Liberdade trago o debate dos mundos conexos (ZELIZER, 2005) para a realidade das trocas que nela ocorrem, conectando os ofícios dos participantes da Casa e o desejo de sustentar-se como indivíduos e a necessidade de manter a Casa enquanto comunidade colaborativa. É a partir da relação híbrida entre os participantes pelo sustento próprio e do coletivo que os mundos hostis, que segregariam o amor do dinheiro e os favores do trabalho se conectam. A tensão entre os relacionamentos é trazida à tona em períodos próximos ao pagamento das contas e o debate sobre a pertinência da existência da Casa é colocada em cheque pelos participantes, que cobram um dos outros de forma sutil e trazem soluções legítimas baseadas nos fluxos de confiança e fluxos monetários.

O processo de interação na Casa possibilitou pensar sobre as condições que proporcionam a economia colaborativa, nesse contexto em específico, a

colaboração se torna possível na medida que se estabelece um “culto” à horizontalização de relações e o sentimento de autonomia e liberdade a partir do compartilhamento de responsabilidades.

Novos participantes são informados por cartazes nas paredes à fazer cópias da chave da porta de entrada para que cada um tenha liberdade de ir e vir, outros cartazes alertam para responsabilidade de lavar a própria louça, apagar luzes, manter espaço limpo, colocar o lixo na rua e estar atento às necessidades de manutenção da Casa. Pode-se pensar na estrutura do espaço enquanto um emaranhado (INGOLD, 2012) de trocas que podem ser entendidas tanto como atividades profissionais como também políticas e existenciais, constituindo uma comunidade híbrida de relações econômicas e afetivas no compartilhamento de medos e emoções e o imaginário de que “outro lugar é possível”.

É a partir do fenômeno colaborativo da Casa que se possibilita pensar sobre a construção de subjetividades dos participantes, são frequentes os debates trazidos por eles questionando a realidade que estão inseridos, vive-se uma intensa discussão sobre “visões de mundo” e uma certa euforia em “fazer diferente” e “colocar em prática o que se acredita”.

Entre os debates que participei ao longo desta experiência citava-se, com propriedade, alguns autores das quais as “visões de mundo” eram contempladas pelos membros da Casa, um deles é o célebre Zygmund Bauman, principalmente quando pensa a liquidez contemporânea (BAUMAN, 2007) e as formas líquidas que as relações tomam. A leitura de Bauman em “Tempos Líquidos” nos remete a uma sociedade pensada como rede em oposição a uma totalidade sólida, sendo uma matriz de conexões e desconexões em um infinito de permutações possíveis. A sociedade refletida por Bauman se caracteriza pelo colapso do pensamento a longo prazo, indivíduos pensando projetos e episódios a curto prazo, onde conceitos como “carreira” não são cabíveis, adquirindo assim, um conjunto diferente de habilidades.

Tal sociedade, guiada pelo medo da derrota e da dor, faz com que indivíduos concentrem esforços na segurança e na autossuficiência, a ideia de “conforto existencial” trazida pelo autor é assimilada a noção de “utopia” que

gostaria de destacar aqui, pois a comunidade da Casa Liberdade pauta sua “razão de ser” nestes mesmos pilares:

Em primeiro lugar, uma utopia é uma imagem do outro universo, diferente daquele que conhecemos ou de que estamos a par. Além disso, ela prevê um universo originado inteiramente da sabedoria e da devoção humanas. (BAUMAN, 2007, p.98)

A ideia central da “utopia”, do grego, “lugar bom” e também “em lugar nenhum” como apresenta Bauman (2007) , parece compor o que pretendo apresentar na comunidade da “Casa Liberdade”, principalmente por contemplar os elementos citados pelo autor na seguinte citação:

Para nascer, o sonho dos utopistas necessitava de duas condições. Primeiro, um sentimento irresistível (mesmo que difuso e ainda não articulado) de que o mundo não estava funcionando de maneira adequada e de que era improvável consertá-lo sem uma revisão completa. Segundo, a confiança na capacidade humana de realizar essa tarefa, a crença de que “nós, humanos, podemos fazê-lo”, armados como estamos da razão capaz de verificar o que está errado no mundo e descobrir o que usar para substituir suas partes doentes... (BAUMAN, 2007, p. 103)

Gostaria de focar a atenção na frase citada sobre a “capacidade humana de realizar essa tarefa”, o potencial do coletivo nos processos de colaboração e co-criação são os elementos de força mais destacados da Casa Liberdade e constantemente aclarados para que se resignifique e conseqüentemente se potencialize a cada debate interno.

A Casa significa a forma dada a uma utopia, uma utopia gerada de um imaginário coletivo, em que a colaboração e a troca geram todos os circuitos da vida humana. Nos termos de Appadurai (2004), a “obra da imaginação” é constitutiva da subjetividade moderna, que, de acordo com o autor seria gerada pelo fluxo e circulação de pessoas, coisas e imagens. Destaco Appadurai pela sua atenção aos temas da subjetividade e a imaginação na contemporaneidade, que, condizem com o imaginário de utopia que gostaria de exemplificar através da Casa Liberdade, jovens que, reunidos, compartilham um imaginário de mundo e de globalização, idealizam e tornam possível uma

sequência de trocas a nível global que faz com que o espaço da Casa se mantenha, assim como a rede, em uma relação de interdependência.

O que Appadurai coloca em palavras, é a consistência dessa imaginação, composta por um fluxo constante de pessoas, imagens e sensações que inspiram e mantem a Casa, dessa forma, é possível pensar que a existência da Casa só é possível pelo mesmo fluxo de imagens, pessoas, textos e sensações, que ao criar subjetividades e visões de mundo, fazem com que indivíduos compartilhem sentimentos e efetuem trocas, inclusive monetárias, como é o caso da rede ao sustentar a Casa:

A obra da imaginação neste contexto, nem é puramente emancipadora nem inteiramente disciplinada: é um espaço de contestação no qual indivíduos e grupos procuram anexar o global às suas próprias práticas. (APPADURAI, 2004, p.16)

Segue-se:

Neste passo, é importante salientar que falo de imaginação como coletivos e não apenas como uma faculdade do indivíduo dotado (que é o sentido em que tacitamente é tomada desde o florescimento do Romantismo europeu). Parte do que os meios de comunicação de massas tornam possível, por causa das condições de leitura, crítica e prazer coletivos, é o que noutra lugar chamei «comunidade de sentimentos» (Appadurai, 1990), um grupo que começa a imaginar e a sentir coisas em conjunto. (APPADURAI, 2004, p. 20)

É possível pensar a Casa Liberdade enquanto uma comunidade de sentimentos, a existência deste espaço só se torna possível na medida em que a comunidade e a rede compartilham percepções e visões de mundo, gerando um sentimento comum que atinge com intensidade os membros da rede, mesmo que muitas vezes intangível, a rede é tida como parte fundamental para existência da comunidade.

O que proponho refletir na sequência desse trabalho são as condições da economia colaborativa em um espaço de formação de identidades coletivas e individuais, a partir de interesses pessoais e visões de mundo coletivas e absorvidas pelo indivíduo através da comunidade, uma identidade híbrida do jovem profissional interessado e do jovem humanista desinteressado

(BOURDIEU, 1997), em situação de relações híbridas ou nas palavras de Zelizer (2005), em mundos conexos.

Esse indivíduo, entre relações híbridas, vive algumas inconstâncias, ao mesmo tempo que busca realizar projetos com pertinência emocional para si também busca sucesso ao adquirir dinheiro suficiente para manter seu estilo de vida e conseqüentemente para manter a Casa. Os jovens que ali trabalham e trocam estão constantemente fazendo conexões, não há uma divisão clara do que seria um momento de lazer e um momento de trabalho. Conversas de corredor se transformam em projetos de colaboração que unem habilidades de diversos membros da Casa, em um café na cozinha já cria-se algum evento capaz de gerar dinheiro para Casa, e é nesse fluxo de emoções e razões econômicas que as transações de pessoas, coisas e dinheiro acontecem na Casa Liberdade.

Nesse fluxo intercalado de vivências e trabalho, acho interessante pensar sobre a etimologia da palavra “negócio”, do latim “*nec*”, negação e “*otium*”, ócio, negação ao ócio. O curioso é que o que apresento com o exemplo da Casa é uma forma de negociação que utiliza o ócio como processo criativo, essa criatividade, adquirida, de forma geral, em momentos ociosos gera projetos coletivos e renda para o ciclo seguir ocorrendo. O que me instiga são as ressignificações que o coletivo faz sobre o trabalho e as formas que dão a ele, buscando unir em um mesmo ambiente diversas esferas da vida social; lazer, trabalho, ócio e negócios. Um espaço que aclara diversos fenômenos do mundo dito “globalizado”, como a intensa circulação de sentimentos e a complexa formação de redes.

### 3 AUTO-DESCRIÇÃO: A COMPREENSÃO DA COMUNIDADE NA SUA PRÓPRIA LINGUAGEM

Ocorre com os mitos o mesmo que com a linguagem: se um sujeito aplicasse conscientemente em seu discurso as leis fonológicas e gramaticais, supondo-se que possuísse o conhecimento e o talento necessários, perderia quase imediatamente o fio de suas ideias. (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 13).

Como forma de unir a observação-participante “presencial” à online, faço parte do grupo da Casa Liberdade no Facebook. É ali onde grande parte da comunicação acontece, desde de divulgações de eventos, workshops, almoços e encontros informais até questões pragmáticas como quanto ao abastecimento do estoque de produtos de limpeza e demais negociações sobre o pagamento de contas. Entre diversos tópicos debatidos no ambiente virtual, ocorreu um em específico que merece destaque:

Pessoas! Vi que a Casa Liberdade foi cadastrada como coworking no 4square. Esse fato me faz questionar o quão eficiente está sendo a nossa comunicação, pois a casa, apesar de poder se trabalhar lá, não se reduz a um coworking. Ela é um espaço coletivo, de construção, manutenção e melhoria coletiva. Somos tão livres como responsáveis pelo espaço. Como vocês veem a casa? (FACEBOOK<sup>7</sup>, 2014)

O debate sobre a “essência da Casa”, ou “sua razão de ser”, surge a partir da rotulação de “coworking” por algum visitante que possivelmente ainda não havia tido experiência suficiente para compreender que o quê se passa ali está muito além de um dito coworking, tal rotulação, que gerou uma sensação de ofensa ou subestimação, foi trazida para o grupo de debate no sentido de resignificar a existência da Casa. Para conseguir enxergar que a Casa não é apenas um coworking é preciso ser envolvido com densidade para entrar no jogo e saber jogar (BOURDIEU, 1996).

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/casaliberdade>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

Como havia mencionado anteriormente, meu objetivo inicial de pesquisa era a imersão em um ambiente de coworking, refletindo sobre a formação das redes de troca e de trabalho, mas a configuração da Casa Liberdade me surpreendeu; fui afetada. Por esse motivo dedico este capítulo para uma reflexão sobre a auto-declaração da Casa a partir das vozes de seus participantes, tornando explícito o processo de “afetação” através dessa linguagem.

Aqui, trago a forma como a organização e a auto-declaração são colocadas pelos participantes da Casa, cabe ressaltar, que a plataforma online onde esses dados se encontram são de livre acesso para que cada indivíduo possa modificar o que está dito caso não esteja de acordo, desde que este converse com outros participantes e “sinta que deve fazê-lo”, como mencionado em entrevista. Por mais que o discurso da construção coletiva seja trabalhado internamente na comunidade, são raras as situações em que se modifica algo que já está dito, há uma certa legitimidade daqueles que tomaram a iniciativa e se responsabilizaram pelo trabalho de refletir e escrever sobre a existência da Casa.

#### **O Propósito**

- É um lugar onde trabalho, diversão e aprendizado são a mesma coisa.
- É um ambiente que conecta as pessoas que vivem em rede.
- É um caminho para a realização de projetos com o olhar da abundância.
- É um espaço para exploração de possibilidades.
- É um lugar para experimentar relações ganha-ganha, baseadas no paradigma do cuidado.
- É um local para *experimentação* de novas formas de interação social, de funcionamento baseado em processos mais distribuídos do que centralizados, de estruturas não hierárquicas, de empreendimentos inovadores e sustentáveis, de modelos organizacionais em rede, enfim de novas formas de morar, viver, produzir e se relacionar.

#### **Organização**

É auto organizado. Não tem hierarquia instituída. Não há gerência, diretoria, presidência ou qualquer outra coisa do gênero. Também não há curadoria. Todas as iniciativas que estejam dentro da lei são bem vindas sem nenhum tipo de julgamento. A organização é mais distribuída do que centralizada. A responsabilidade legal perante o proprietário do imóvel e as autoridades é do Estaleiro Liberdade. Pessoas interessadas em se aprofundar no estudo deste tipo de

organização cuidam para que o propósito do ambiente seja mantido.

#### **Utilização**

- Qualquer pessoa pode utilizar os espaços e fazer o que quiser, desde que não impeça outras pessoas de fazerem o que querem.
- Nenhuma ocupação é permanente - não há lugares marcados.
- Não são permitidas atividades ilegais, ou que ameacem a existência do espaço. (GITHUB<sup>8</sup>, 2014)

Os princípios, o funcionamento e a configuração da Casa revelam as intencionalidades da comunidade, o que está “postulado” nessa plataforma colaborativa de conteúdos é pautada em uma série de valores e teorias admiradas pelos membros do coletivo, pensadores ligados à economia colaborativa, à “ciência das redes” entre outros intelectuais contemporâneos, segue-se ao final do documento alguns vídeos-referência do youtube com apresentações de “talks” no modelo TEDx (modelo de palestras objetivas e performáticas) para embasar a existência da Casa a partir de teorias, dando argumento para o modelo de horizontalização de relações que praticam ali.

Alguns dos pensadores citados são: o filósofo e educador colombiano Barnardo Toro, o entusiasta das redes Augusto Franco e os físicos e matemáticos envolvidos na teoria das redes como Barabási, Strogatz e Watts. Cada uma das referências traz uma abordagem sobre os “sistema de redes”, seja um véis matemático, social ou biológico. Os discursos produzem eficácia no processo de justificação da existência da Casa enquanto um sistema de rede que deve manter-se e sustentar-se a partir dela.

#### Princípios e Valores:

Olhamos o mundo pelo paradigma de escassez, e temos a oportunidade de fazê-lo pelo paradigma de abundância:

Ciclo da Escassez	Ciclo da Abundância
Não tem para todo mundo	Tem para todo mundo
Competição	Colaboração
Ética guerreira	Ética do cuidado
Motiva estoque “guardar o que é meu”	Motiva Fluxo, “movimentar o que é de todos”
Remove recursos do sistema	Recursos fluem no sistema
Exclui	Inclui

O propósito da Casa Liberdade é inclusivo e, portanto, temos que funcionar pelo paradigma da abundância, tem pra todo

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://github.com/CasaLiberdade>> Acesso em: 01 nov. 2014.

mundo. Tem espaço. Tem trabalho. Tem convívio. Tem amor, carinho e acolhida. Tem dinheiro. “Tem pra todo mundo” significa que todos os espaços estão, potencialmente, sempre prontos para serem utilizados. Para que isto aconteça na prática, adotamos alguns princípios que facilitem a gestão distribuída deste “hardware” (a casa). (GITHUB<sup>9</sup>, 2014)

No processo de “justificação” (BOLTANSKI, 2006) que traz argumento para existência da Casa como uma economia moral e de bens simbólicos, encontram-se alguns conceitos e que dão ênfase aos processos criativos da Casa. São trazidos para o documento que analiso quatro diferentes estados de organização social para serem exercitados dentro da comunidade no sentido de gerar um “ambiente criativo” e financeiramente sustentável. Apontam para os seguintes estados:

- a) Chamos: situação de limite do caos, desordem é tanta que leva a destruição.
- b) Caos: estado de desordem, de possibilidades abertas, bagunça, incertezas. Livre interação, troca de ideias, motivações e histórias.
- c) Ordem: estado de estrutura, organização, processo, mais do mesmo. Foco, energia concentrada em um ponto, a execução de ideias, sentar a bunda na cadeira e fazer.
- d) Controle: estado de estagnação e imobilidade.

A partir da apresentação dos possíveis estados organizacionais, a comunidade postula que o ideal da Casa é estar entre o dito Caos e a Ordem, constituindo o “espaço caórdico” que não controla de forma opressora mas que não seja Chamos a ponto de deixar de existir por falta de organização. A intenção dessa explicação é o discurso que justifica a ausência de um hierarquia formal na Casa, permitindo apenas lideranças espontâneas e flexíveis.

Após os conceitos sobre as condições teóricas para a existência do espaço, descreve-se a organização das relações através de uma analogia apropriada ao coletivo, usa-se a informática como uma ilustração do

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://github.com/CasaLiberdade>> Acesso em: 01 nov. 2014.

funcionamento da Casa, os membros da comunidade apresentam o formato de sua organização da seguinte forma:

### O “Sistema Operacional”

Na informática, o sistema operacional é o programa que gerencia o hardware do computador (peças eletrônicas) para as demais aplicações. Alguns exemplos são o Windows, Linux, MacOs.



Por exemplo, se o Word precisa usar a impressora, ele não vai procurá-la diretamente; ele manda um aviso ao sistema operacional, “preciso de uma impressora”. Este, por sua vez, a localiza e permite que o Word a use (se estiver livre) ou avisa caso esteja ocupada.

Assim, as pessoas que programam as aplicações (Word, browser de internet, jogos...) não precisam se preocupar em gerenciar os diferentes tipos de hardware que existem.

Utilizaremos esta mesma metáfora para a Casa: Construiremos um Sistema Operacional, que incluirá: uma série de princípios (como os descritos acima), ferramentas para nos comunicarmos, formas de reservar os espaços, etc, para que as aplicações (nossos projetos) não precisem se preocupar com estes detalhes. Haverá formas para acessar os espaços, utilizá-los, reservá-los para eventos, mantê-los limpos e prontos, e contribuir financeiramente. Este Sistema Operacional nada mais é do que ter claro o que fazer e como fazer, quais as responsabilidades envolvidas no uso da casa, e como este ambiente se sustenta.

Todos somos responsáveis por construí-lo, e ao mesmo tempo, ninguém é, porque não há papéis definidos... é, não é tão fácil de entender!

Basicamente, a ideia é:

- Entender os princípios, o PORQUÊ de estarmos fazendo isso tudo;
- Construir os COMOs e O QUÊs, e comunicar à rede. Quem constrói? Quem se interessa por uma determinada parte!
- Recriar, modificar, testar, pois é um sistema vivo, e não algo que se faz uma vez e está pronto.

Todos são encorajados a entender como funciona aquilo que o interessa, e a buscar jeitos melhores de fazê-lo. (GITHUB<sup>10</sup>, 2014)

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://github.com/CasaLiberdade>> Acesso em: 01 nov. 2014.

Dentro de um discurso teórico e romantizado sobre a existência e funcionamento da Casa, cabe destacar algumas regras e procedimentos “postulados” na tentativa de evitar maiores conflitos. O material disposto na plataforma interativa da Casa Liberdade possui tópicos extensos sobre as regras do espaço, tais tópicos foram escritos por todos que desejaram contribuir para a construção do mesmo e são frequentemente trazidos à tona em momentos de desentendimento, destaco apenas alguns para exemplificar:

#### Regras e Procedimentos

Regra Básica: Nenhuma iniciativa individual pode colocar em risco a existência do sistema como um todo.

- Não são permitidas a realização de atividades ilegais no espaço e portanto:

Proibido fumar cigarros, cachimbos e charutos nas áreas fechadas

É proibido realizar atividades que façam barulho além do permitido pela legislação vigente

#### Como utilizar

- Acesso: O acesso é livre para qualquer ser humano que frequente o planeta terra. Faça uma cópia das duas chaves de entrada (pegue com alguém que as possua). Pegue também a senha do alarme com esta pessoa. Se for o primeiro do dia a entrar na casa, digite a senha do alarme no equipamento que fica internamente, ao lado da porta de entrada. Se for o último a sair, digite a senha no alarme quando for fechar a porta.
- Pertences pessoais: Tudo que estiver nos espaços é de uso comum, não há garantia de preservação de pertences pessoais guardados e/ou esquecidos. Procure levar tudo o que você trouxer.
- Limpeza: Para limpar o que está sujo utilize os materiais que se encontram na área de serviço, nos fundos da cozinha. Não se esqueça de devolver os materiais no armário depois de usá-los.
- Compras: Ao perceber que algo básico está faltando, comunique no grupo do facebook ou compre o item e comunique o valor para que seja registrado como sua contribuição para a casa.
- Custo: O custo do espaço é bancado através de contribuições voluntárias. Qualquer um pode contribuir através da caixinha que encontra-se na copa ou via depósito. Informações na página custos. (GITHUB<sup>11</sup>, 2014)

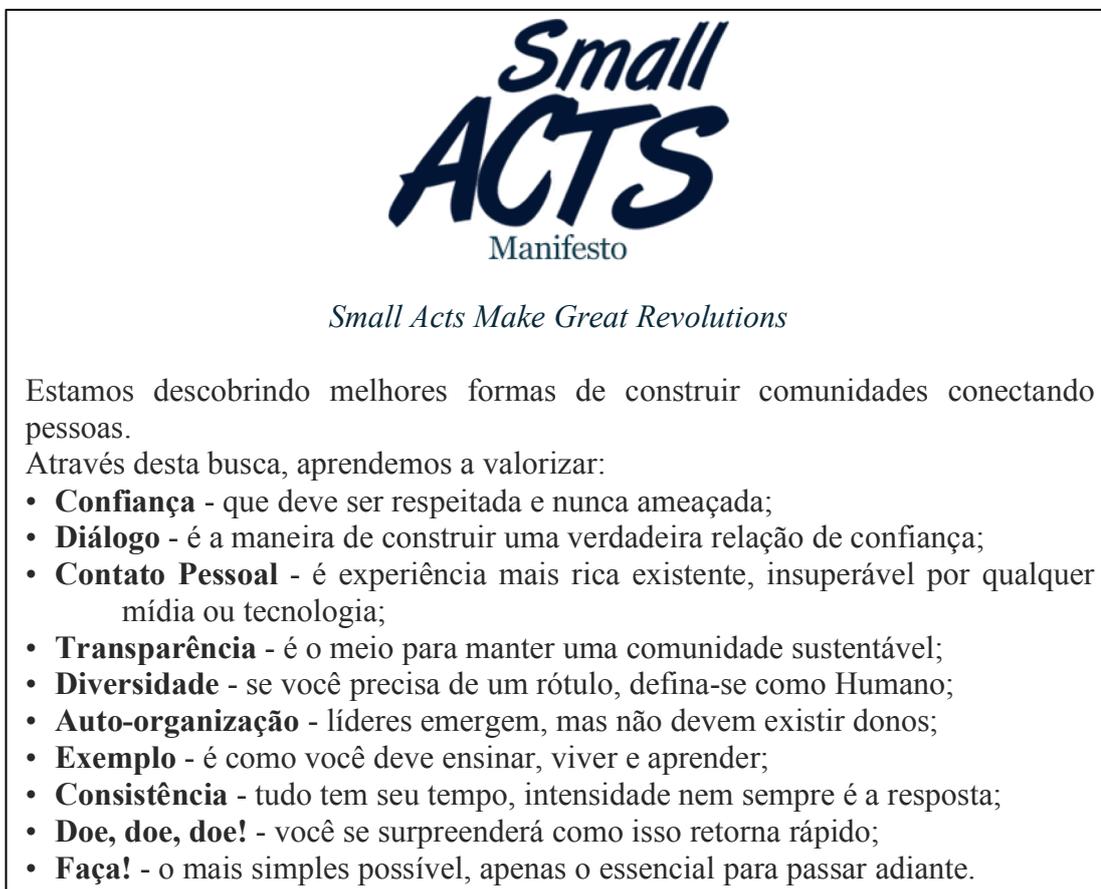
Ao longo do documento de auto-descrição são trazidos alguns manifestos de outras comunidades e de iniciativas semelhantes. Destaco aqui

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://github.com/CasaLiberdade>> Acesso em: 01 nov. 2014.

um destes materiais, de forma resumida, que é referido com importância pelos membros da Casa:

Figura 11: Manifesto Small Acts .



Fonte: Small Acts<sup>12</sup>, 2014.

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://smallactsmanifesto.org>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

Figura 12: Material de comunicação interna da Casa Liberdade



Fonte: Casa Liberdade, 2014.

Além da compreensão a cerca das questões práticas de funcionamento e manutenção da Casa, a densa auto-descrição trazida aqui é o início de um entendimento teórico da Casa Liberdade, o documento compila os elementos fundamentais da crença na colaboração praticada pela comunidade. A exposição dos termos e referências mencionadas no processo de 'justificação' da existência da Casa são trazidos para refletir sobre o que é central no campo; a troca.

Tal descrição e as possíveis análises que podem ser feitas a partir deste material correspondem a um momento específico que o campo se encontra, a circulação de lideranças e frentes ideológicas possuem constante reformulação, ou seja, esse documento corresponde ao "espírito colaborativo" da Casa no momento e que pode ser reconfigurado em qualquer outra ocasião. A construção do documento com os "princípios", "valores" e teorias apropriadas servem para justificar a existência da Casa. O processo de "justificação" é essencial em uma economia de bens simbólicos como a que ocorre na Casa

Liberdade, seus participantes possuem trajetórias similares: jovens oriundos de camadas altas da sociedade, em sua maioria com experiências internacionais, com passagens profissionais em grandes empresas e atualmente buscando novas alternativas que condizem com suas “visões de mundo”, de “espírito livre” e autônomo. A busca e a expectativa em relação a seus “projetos de vida” (Velho,1986) fazem com que articulem discursos como o registrado no documento analisado, pautados na colaboração como forma de alcançar a “inovação”, termo bastante presente nos projetos profissionais dos jovens.

A forma como os participantes da Casa declaram a “razão de ser” do espaço sugere uma alternativa de sucesso pessoal e profissional em uma configuração alternativa que foge do padrão tradicional de trabalho, como muitos já experimentaram em um passado recente. O discurso pautado na dádiva e o valor atribuído ao “dar” é a principal motivação para o “ciclo da abundância” defendido por seus membros, explicitando que haverá “ganhos” para todos se todos seguirem dando o que tem de melhor, sejam projetos, ideias ou dinheiro. A Casa Liberdade existe para esses jovens como um espaço de conexões amplas, como um campo vasto de possibilidades pessoais e profissionais.

#### 4 A CONSTRUÇÃO DO “ESPÍRITO COLABORATIVO”

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca. (MAUSS, 2003, p.212)

Na Casa Liberdade a troca é, verdadeiramente, um fato social total, assim como Mauss (2003) atribui aos sistemas comparados em sua obra “Ensaio sobre a Dádiva”. Trocar é a razão de ser daquele espaço, que por mais que seja discutido e resignificado frequentemente, sempre volta à ideia de conexões e troca, seja ela ‘interessada ou desinteressada’ como discute Bourdieu (1996).

Nesse capítulo irei refletir sobre a troca e o processo de engajamento ou envolvimento denso para que a comunidade colabore e siga existindo. A troca, nesse contexto, se refere a todas as práticas dos participantes da Casa, que trocam informações, trabalhos, contatos, dinheiro, e projetos em um circuito híbrido, nem estritamente econômico e nem propriamente afetivo. Proponho uma discussão a cerca do *mana* da Casa enquanto um ‘significante flutuante’ que dá sentido para trocas que acontecem no espaço, a Casa Liberdade existe para que se possa trocar. A comunidade da Casa parece crer em uma suposta magia que permeia as trocas, o espaço da Casa e da rede possui esta conotação pela eficácia em conectar pessoas e projetos com propósitos similares, assim como o sábio maori explicava seu sistema de trocas a partir do *mana*.

O *mana* não é simplesmente uma força, um ser, é também uma ação, uma qualidade e um estado. Em outros termos, a palavra é ao mesmo tempo um substantivo, um adjetivo, um verbo. Diz-se de um objeto que ele é *mana*, para significar que possui essa qualidade; e, nesse caso, a palavra é uma espécie de adjetivo (não se pode dizer o mesmo de um homem). Diz-se de um ser, espírito, homem, pedra ou rito, que ele tem *mana*, “o *mana* de fazer isso ou aquilo”. Emprega-se a palavra *mana* nas diversas formas das diversas conjugações, ela significa então ter *mana*, dar *mana* etc. Em suma, a palavra compreende uma quantidade de ideias que designaríamos pelas palavras: poder de feiticeiro,

qualidade mágica de uma coisa, coisa mágica, ser mágico, ter poder mágico, estar encantado, agir magicamente... (MAUSS, 2003, p. 142).

Os jovens explicam racionalmente as trocas que ocorrem na Casa mas ainda assim enfatizam o poder mágico de tais conexões, o sistema parte de um envolvimento denso que gera um “espírito colaborativo” e é a partir da construção desse “ser colaborativo” que as trocas e conexões ocorrem. O que proponho é pensar sobre a construção deste “espírito colaborativo” que se forma a partir do engajamento com os princípios da Casa Liberdade e faz com que as conexões entre pessoas e projetos empreendedores aconteçam. O discurso sobre a “mágica” da Casa é trazido com frequência para expressar a própria existência e funcionamento do espaço. Certa vez Luana me disse:

não sei bem como as coisas funcionam, mas dá certo, existe alguma energia aqui que faz com que as pessoas se conectem e façam projetos, o que acaba gerando grana pra elas e por consequência para manter a Casa. Mas é tudo um grande risco, tem tudo pra dar errado, mas ainda não deu. (LUANA, Entrevista, junho 2014)

Pensando a troca a partir do *mana*, cabe ressaltar o clássico debate pontuado por Lévi-Strauss ao acusar Mauss de certa ingenuidade e mistificação ao aceitar a razão das trocas como “algo mágico”. Para Lévi-Strauss o *mana* é um significante flutuante que pertence à teoria nativa, a troca para ele possui razões explícitas como na manutenção das relações sociais e demais vínculos. Não é possível comparar as relações e vínculos praticados na Polinésia com as trocas que ocorrem na Casa Liberdade mas a partir das entrevistas e vivências os participantes relatam que há uma sensação de “energia colaborativa” naquele espaço que faz com que vínculos se estabeleçam e projetos sejam co-criados. Grosso modo, trocam-se coisas, projetos e dinheiro para que o coletivo siga existindo, é com o intuito de criar uma comunidade, conexões e vínculos que a troca ocorre.

O *mana*, seja “mágico” como para Mauss ou uma explicação vaga como para Lévi-Strauss foi lembrada aqui para refletir as trocas da Casa. Na Casa

Liberdade a troca é motivada pelo “espírito colaborativo”, o julgamento de uma troca “interessada ou desinteressada” (BOURDIEU, 1996) não possui relevância desde que seja feita e que haja “ganhos” para todas as partes, sejam ganhos simbólicos ou econômicos.

Por esta razão que Zelizer (2009) aclara um debate tão relevante para o encontro dos ditos mundos hostis, há um processo crescente de romper com a hostilidade em relação a esfera econômica, há uma aceitação significativa das relações econômicas pois estas conotam quase que o mesmo sentido de uma relação afetiva, envolver dinheiro nas relações é atribuir valor a uma relação afetiva que já existe independente desta, pois é a partir desse ganho financeiro que o coletivo segue existindo e sentimento de pertencer a uma comunidade aflora.

Pensando nesse contexto em que a troca e a colaboração são, não apenas centrais, mas essenciais para que a Casa siga existindo, trago uma reflexão a cerca do “culto” à horizontalização das relações entre os participantes da Casa e da rede e as formas como ritualizam essas trocas para intensificar o sentimento de que a Casa precisa existir, fazer o *mana* da Casa circular. Em outras palavras, observo a ritualização de trocas e sua eficácia (LÉVI-STRAUSS, 2008) no coletivo, fazendo com que os participantes sigam colaborando com a existência e manutenção da Casa, são envolvidos com densidade afetiva e se tornam engajados pela relevância da troca e a partir da performance colaborativa fazem com que o espaço permaneça, pagando as contas e organizando mecanismos para adquirir dinheiro tanto para si como para o coletivo, de forma que todos saiam ganhando desse processo de vivência em comunidade.

Nesse sentido cabe pensar sobre alguns aspectos da dinâmica organizacional do espaço. É importante ressaltar que observa-se, neste caso, a lógica da dádiva (MAUSS, 1974) que é tida como crença pelos colaboradores; o chamado “ciclo da abundância”, que é na verdade uma “abundância de dádivas” com foco no ato de “dar” . Na crença do ciclo confia-se que há para todos (espaço, tempo, possibilidades), colabora-se para criar (novos projetos, fontes de renda), aumenta-se o fluxo (de dinheiro e trocas), diminui-se o custo de transações (financeiras) e inclui aqueles que não podem pagar (podendo usufruir do espaço e da vivência sem grandes dificuldades).

Pensando na perspectiva da ritualização das trocas como forma de eficácia para que os participantes e a rede colaborem, ocorre um processo de internalização, envolvimento ou engajamento para que o “dar, receber e retribuir” torne-se, segundo Mauss (1974), uma dádiva “indissociavelmente livre e obrigada, interessada e desinteressada”. É a partir dessa visão de interdependência que o espaço se mantém e é frequentemente reforçado, tanto por aqueles que ocupam a Casa como por aqueles que criam vínculos com a ideia de que a Casa exista e contribuem, mesmo que no anonimato. Allan Caillé (1998) faz uma reflexão sobre a (inter)dependência:

O que produz a descoberta científica não é a razão universal e impessoal em ação, mas a capacidade dos especialistas de constituir alianças, tecer redes e obter apoio de colegas, administradores, financiadores e jornalistas, e aparelhos, micróbios ou moluscos. O que faz funcionar as empresas e dá vida aos mercados econômicos não é a universal e abstrata lei econômica da oferta e da procura, mas a cadeia de (inter)dependências e relações de confiança de que são feitas as redes. As sociologias da ciência e da economia convergem, assim, para uma tipologia das redes. (CAILLÉ, 1998, p. 14).

A eficácia da rede nesse processo de produção coletiva revela a interdependência financeira e de crenças e é definitivamente o que mantém o espaço, para isso é preciso ser envolvido com densidade afetiva. Norbert Elias (1993) aclara um debate interessante quanto as condições desse engajamento explicando que as configurações exercem uma força compulsiva sobre os indivíduos envolvidos no jogo e não se trata de uma força exterior a eles, mas resulta exatamente desta interdependência. Pensando a composição social por Elias (1993) é possível refletir sobre a forma que cada indivíduo é incorporado a essas modalidade de percepção e ação coletiva da configuração da Casa Liberdade.

Proponho pensar a o envolvimento denso e afetivo enquanto um mecanismo que gera performances da colaboração, os participantes da Casa são “tomados” pela “intensidade” da colaboração e da troca, e é a partir disso que se tornam participantes e responsáveis pela Casa. A rede ou mesmo os participantes mais ativos da Casa e até seus fundadores chegaram nela, pensando em uma organização nos moldes de “coworking” e na medida que

foram tomados pela sequência de trocas que foram possíveis, reproduziram uma estrutura baseada na colaboração. Em outras palavras, os membros da Casa produziram um “espírito colaborativo” e dessa forma criaram a estrutura atual da Casa que segue reproduzindo novos “espíritos colaborativos”.

Dentre os mecanismos de envolvimento e engajamento que sensibilizam os indivíduos a colaborar estão elementos que permanecem na sala da Casa diariamente, explicitando através de imagens ou lembretes as formas de colaborar. Os recados pelas paredes e os frequentes “chamados” (termo êmico para “convite”) incitam a colaboração, construindo um espaço estruturado para a colaboração, quase que uma “arquitetura da troca”.

Os mecanismos de sensibilização à colaboração, são formas explícitas de convocar a colaboração mas também é frequente a enunciação de valores e práticas colaborativas que sensibilizam o público, como por exemplo convocar os membros da Casa para doar sangue coletivamente ou criar eventos na cidade para trocar, como ocorreu no evento da “Caixa Parda”, criado por membro da Casa que colocava caixas pardas em pontos da cidade e convidada os cidadãos a trocar objetos que não usam mais e recolher algum que julguem interessante, por exemplo, depositar cd’s antigos na caixa e pegar uma bola de futebol que estava disponível ali.

Essas, entre muitas outras ações empoderam o coletivo a agir, sempre em conjunto, mas partindo de um protagonismo único. Outros elementos que empoderam o indivíduo a ser protagonista no coletivo é o fato de que as chaves da Casa possuem um lugar específico penduradas na parede e estão acompanhadas de uma aviso: “Pegue uma chave, faça a sua cópia, e devolva aqui”. A liberdade de ir e vir e as responsabilidades que se atribui a partir dessa liberdade é sempre reafirmada, quase como uma moeda de troca universalizada dentro da Casa. Terás independência se te responsabilizares por toda a Casa.

Figura 13: Sugestão de funcionamento da Casa Liberdade.

# CASA LIBERDADE

A independência vem com suas responsabilidades.

## Acesso livre



As chaves para serem copiadas estão na parede da recepção.

## Sem hierarquia



Não existe Staff. Não há responsáveis, gerência, diretoria, guardiões ou facilitadores.

## Sem curadoria



Não há avaliação de conteúdo. Tudo está previamente aprovado!

## Sem decisões



Não há reuniões, votações ou consensos. É tudo auto-organizado pelo grupo CASALIBERDADE no facebook.

## Contribuição Espontânea



O espaço é auto financiado pelas pessoas em rede.  
Os detalhes das contas está lá no facebook!

**Contribuição Sugerida:  
R\$ 5,00 por pessoa / hora**

Esta é a contribuição ideal pois zera os custos.

Como a vida não rola no ideal, qualquer contribuição é bem-vinda!  
Você pode depositar em espécie nas urnas que estão nas portas de acesso da casa, ou contribuir online. Todas as informações no grupo da casa!

Fonte: Facebook<sup>13</sup>, 2014.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/casaliberdade>>. Acesso em: 26 out. 2014.

Essa forma de comunicação esclarecedora ilustrada pela imagem a cima surge devido a necessidade de tornar mais claro o funcionamento da Casa para novos participantes, que ao chegar, possuem muita dificuldade de compreender o quão livres e responsáveis são por aquilo. Mesmo com essas formas de comunicação explícitas, ser envolvido pelas intensidades da colaboração e a responsabilidade em colaborar não é automática, exige uma série de rituais que aflorem o “espírito colaborativo”, como o frequente fenômeno de declarações públicas sobre o prazer de ser colaborativo. Trago uma manifestação específica que teve um impacto importante na Casa e por extensão na rede, trata-se de um texto “sensibilizador” que foi postado na página do facebook da Casa Liberdade:

Figura 14: Texto e imagem publicados na página da Casa Liberdade.

“Sabe um iceberg? Bom este post é a parte embaixo da água: Imagina um lugar assim: quatro andares (considerando a garagem um andar), um terraço enorme, duas cozinhas, quatro banheiros, internet rápida, água quente e ar condicionado para te sentires mais confortável, caso nenhuma das roupas de agasalho nem cobertores disponíveis te pareçam adequados.

Imagina um lugar aonde encontros de “escutatoria” aconteçam todos os dias pois a “escutatoria”, o cuidado e a empatia sejam alguns dos pilares dessa casa. Imagina um espaço aonde conversas significativas possam acontecer até com portadores de nomes como Budha, Paçoca, Dudu ou Felipe, pois o fato de caminharem em 4 patas os faz diferentes e bem-vindos.

Imagina as probabilidades de que isso aconteça; assim como as probabilidades de que uma casa tenha o nome da rua que a alberga e que para chegar nela (na casa e no nome dela) seja preciso realizar algum esforço, pois fica quase no topo de uma metafórica lomba amigável-à-sua-maneira.

Cansado de imaginar? Um último esforço: um lugar aonde a pessoa que leva as contas da casa o faça por um interesse genuíno em aprender. Aonde as pessoas sintam (ou queiram sentir e aprender) a importância da confiança e do cuidado, e por essa mesma razão façam as suas contribuições entendendo (ou querendo aprender a entender) que o dinheiro significa coisas diferentes para pessoas diferentes em momentos diferentes.

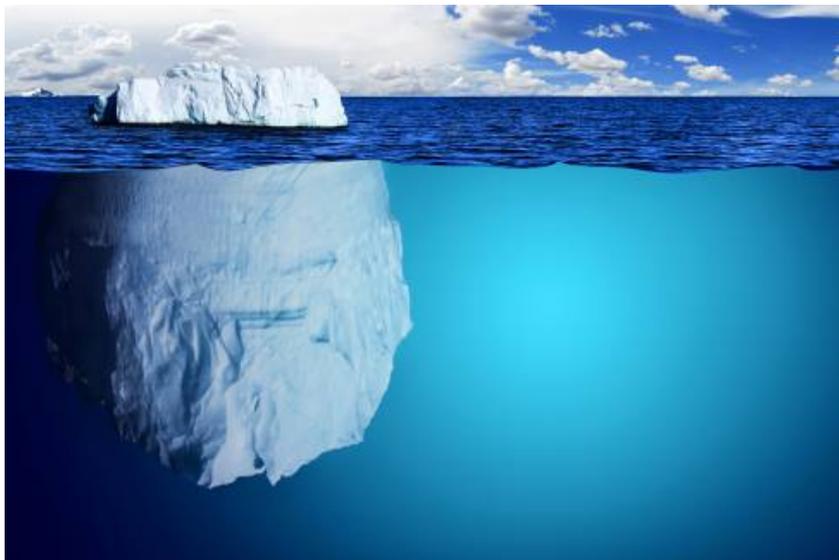
Um iceberg.

Sabe a pontinha que é o único que se vê e tal? Bom, estas linhas intermináveis estão chegando ao seu fim falando de menos do 1% (imaginem um projeto alucinante chamado assim, de 1% e que... chega de imaginar, porra!) do que acontece nesse espaço.

Todo o que pedi que imaginassem é REAL. Um lugar real com pessoas reais que agora eu sinto como parte importante da minha vida e que me tomaria muitas linhas e muito da sua paciência nomear neste já icebergico post. A pontinha é pequena para dizer o quanto acontece nessa casa chamada de Liberdade e o quanto significa para muitos daqueles que acreditamos na abundancia, no amor, no cuidado e na empatia. 13 anos tive que esperar neste país para poder descobrir que aquilo que é imaginário para muita gente é mais do que real e existe na Rua Liberdade 553.

Como a Sabrina Aragão, acabou de me dizer: “Que isto jamais morra”. O quanto a casa representa para os 1434 que pudessem ler esta mensagem, não tenho como dizer. Posso, sim, o quanto pode vir a representar: liberdade.

Obrigado por terem chegado até aqui.”



Fonte: Facebook<sup>14</sup>, 2014.

<sup>14</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/casaliberdade/>>. Acesso em: 26 out. 2014.

Tal declaração segue com a imagem de um iceberg, emociona os participantes que comentam o texto contemplados pelas palavras de quem as escreveu.

A ritualização da trocas que me refiro é exemplificada por esse texto, é a partir de um discurso performático como esse que produz-se a eficácia colaborativa. O exercício constante de ser colaborativo, é devotado pelos participantes com intensidade, a tentativa a partir das ritualizações da troca é tornar os atos de “dar, receber e retribuir” como algo natural, como um fluxo automático dos acontecimentos e por sua vez como a essência daquele espaço, o motivo da sua existência, o *mana* que possui.

O conteúdo do texto destaca três temporalidades, invoca aspirações de um passado e de uma busca constante por uma idealização que se encontra no presente, com a materialização da Casa Liberdade e a forma como ela se solidifica. Imaginadas estas condições pensa-se um futuro, retomam-se as expectativas quanto ao imaginário de um amanhã tão satisfatório como o “agora” em que o texto é trabalhado. São discursos de “esperança” como esse dão sentido para as trocas pois possui um papel sensibilizador de engajamento que dá sequencia ao fluxo das trocas através de performances do “espírito colaborativo” que se potencializa.

## 5 CONFLITOS REVELADORES: QUEM É O RESPONSÁVEL?

Os discursos sobre a “liberdade” e a conseqüente “responsabilidade” que se adquire na medida em que se insere no jogo (BOURDIEU, 2005) é o denominador comum dos conflitos presenciados no campo. Os limites de uma responsabilidade para outra, o sentimento de culpa e desgaste por “fazer mais ou fazer menos que o outro” é a pauta de muitos desabafos.

Entre trocas interessadas e desinteressadas (BOURDIEU, 2005) encontra-se o início de uma reflexão sobre conflito, quase inexistente na voz dos interlocutores em momentos de entrevistas mas presente nas sutilezas do cotidiano. Conflitos que resignificam a razão de ser da Casa e que são compartilhados, geralmente, em forma de textos performáticos escritos na página virtual da comunidade que serão analisados a seguir.

Destaco atenção aos textos performáticos no sentido de Turner (1987) ao refletir sobre “dramas sociais”, pois é a partir de performances dramatizadas como as que mostrarei que a comunidade se sustenta, envolvendo os membros com densidade, como menciona Turner (1987), os indivíduos “não apenas fazem coisas, eles tentam mostrar aos outros o que eles estão fazendo ou fizeram; as ações ganham um aspecto de “performadas” para um público” (TURNER, 1987, p.74).

### 5.1 O COCÔ DO CACHORRO NA SALA

Situação aparentemente banal mas reveladora, o cocô do cachorro na sala desperta um intenso debate que explicita a responsabilidade como termo preconizante. Trago os fragmentos de um debate que ocorreu na página virtual da comunidade:

Figura 14: Discussão no grupo da Casa Liberdade no Facebook.

“Pessoal, hoje de manhã quando nós, da P\*, fizemos a nossa reunião matinal do sábado da manhã encontramos cocô de cachorro na Nave. Nós imediatamente limpamos o dejetos. Não sei quais são as regras da casa para tal situação, mas fica aqui a nossa observação para que haja cuidados para que isso não aconteça novamente.

Sugestões?”

BP diz: A minha única sugestão é essa que você fez. Limpar e deu. Às vezes deixamos copos pratos sujos e alguém sempre lava. Os dogs ao contrario de nós não vão ao banheiro. Então não vejo problema algum. Só essa linda solução que é limpar. (4Like)

AM diz: Quando eu saio da casa, eu deixo o budha no terraço, com a porta fechada, e com um post it com os dizeres: CUIDAR PARA O BUDHA NÃO SAIR. Para evitar uma situação dessas. Os últimos dias que voltei, ele estava solto na casa, peço que cuidem essa situação quando ele não estiver, e deixe ele lá no terraço.

Mas também, concordo com a BP , pois, diariamente alguns porcos tem deixado sujeira espalhada pela casa. Fica aqui também a minha observação para que todos cuidem da casa, e que copos, pratos, jarras, e muitos outros exemplos também não aconteça mais.

BP diz: Gente, essa discussão é ridícula, pelo amor de jah. tem tanta coisa pra fazer na casa e pra casa! Se não quer ver sujeira de cachorro, proibi a entrada de dogs. Pronto. Mas quando tem dog na casa todo mundo curte, brinca e faz carinho, aí na hora de assumir as responsabilidades de cuidar, dar agua, comida e limpar a sujeira aí todo mundo acha um absurdo. PORRA! o que tem na casa é de responsabilidade de todos. Se alguém levar um bebê, você não vai dar colo porquê o bebê não é seu? Ah! Senso de coletividade zero hein? Puta que pariu. E não estou falando que os "donos" dos dogs são displicentes, pelo contrário eles tomam todas as precauções possíveis. O que vale nos refletirmos sobre tópico utópico é o que cada um busca ali dentro. A casa é pra todos e todos tem que cuidar, foda-se se você não quer lavar seu copo ou limpar a sujeira do dog que não é seu, se você pensa assim, seu lugar não é aqui. (2 Like)

FC diz: Obrigado por limpar o coco do cachorro.

Ao AM. O Cachorro, quando sozinho e trancado, fica insuportável. Ele fica latindo sem parar e fica uma situação mais xarope do que limpar coco seco

depois.

A BP. Não existe discussão ridícula. Além disso, ninguém teve nenhuma atitude contrária a existência de cachorros ou crianças na casa, senão, a curiosidade de saber qual eram as regras diante de tal situação com dejetos de cachorros. Ou agora perguntar e se sentir perdido diante da complexidade da casa também é algo a ser eliminado da face da terra? (6Like)

BP diz: Curiosidade de saber o que fazer quando um cachorro caga na casa? Deve ser difícil saber o que fazer quando não se tem uma empregada né, classe media chora.

(4 Like)

FV diz: O que menos estamos fazendo aqui é dar sugestões, que acredito ser o foco principal. Eu estou começando a frequentar a casa agora, fui pouquíssimas vezes... Mesmo assim deixo minha sugestão aqui. Quando sair, levar o dog consigo para evitar situações desagradáveis. Quando encontrar cocô em algum ambiente, limpar imediatamente. Simples.

VR diz: Adoro e concordo com os os comentários da BP!!! For real! (1 Like)

DQ diz: É cachorro trancado ele fica estressado. Sujeira na casa ele espera por alguém limpar, quem se sente chamado limpe.

O ciclo tem pra todos diz que temos que cuidar para que os outros usem o espaço, então seria legal usar e colocar no lugar assim como sujar limpa. Regras são chatas então para não termos regras o uso do bom senso é o ideal a todos.

CH diz: Caras, vou ser bem direto: aplicado ao caso, fui eu que limpei o cocô hoje de manhã. Sinceramente, nem me lembrava mais disso. Acho que a observação do trazida é válida no sentido construtivo, afinal, nenhum questionamento é ridículo, mesmo que a solução seja manter a situação do jeito que está. Ninguém é melhor nem pior por causa disso. O cocô foi limpo, o dog deve estar mais levinho e a gente conseguiu fazer nossa reunião numa boa. Se existirem formas melhores pra que isso aconteça, melhor, senão, tudo

bem. Acho que o assunto foi trazido só como um fato. Assim como o que o dog fez foi só um cocô. (5Like)

CM diz: Eu perguntei das regras porque eu também tenho um cachorro e queria saber como isso funciona - se tem regras para animais na casa, se está na lista de coisas que deve-se usar o bom senso, etc. A ideia não é polemizar nem nada, mas aprender mais sobre como as coisas rodam na casa. Bem simples. (3 Like )

FV diz:A regra é: faz o que quiser e não impede os outros de fazerem o mesmo.BP, não se pode esperar que pessoas que estão conhecendo a casa saibam como as coisas funcionam. Esta situação, especificamente, nunca tinha acontecido antes. Me senti agredido pelo tom com que tu escreveu. Independente da pergunta que se faça, aqui ou pessoalmente, o papel de qualquer um aqui é escutar e acolher, pensando no sistema como um todo. (9 Like)

Fonte: Facebook, 2014.

Há duas frentes discursivas para pensar o conflito que se revela neste exemplo e que pode ser expandido para outros entendimentos da Casa. Na Casa Liberdade existe a intenção de comunicar a comunidade sobre sua “essência”/”princípios” a partir de uma “magia colaborativa”, magia está que supõe que todos os membros do coletivo são envolvidos pelo “espírito colaborativo” e que saibam, sem dúvidas, que quando há dejetos de animais na Casa deve-se limpar calado, assim como outros comportamentos colaborativos e solidários que devem partir do “bom senso”, como mencionado no diálogo. Nota-se que se trata de um “bom senso” de alguém que já internalizou o “espírito colaborativo”. A outra frente discursiva é perceber que a Casa, apesar de uma “magia colaborativa”, funciona a partir de uma estrutura, com algumas regras e com a necessidade de informar e comunicar de fato, ou seja, de forma racional e direta sobre procedimentos de manutenção do espaço, defendendo que o “espírito colaborativo” e o “bom senso” para tais questões são *construídos a posteriori*.

## 5.2 “A CONTA NÃO VAI FECHAR”

Em um contexto em que a existência da comunidade depende de contribuições financeiras geradas espontaneamente pelos participantes, sem a definição de datas de pagamento e muito menos as quantias de cada transação, o período de quitação das contas torna-se revelador.

Como parte do ciclo dos rituais da colaboração, e a forma de adquirir eficácia, os conflitos relacionados às questões financeiras são intensos e frequentes. Trago um exemplo específico que fez resignificar a existência da Casa e foi capaz de uma eficácia inegável; faltando 3 dias para o pagamento das contas em que apenas 50% do valor havia sido arrecadado, abriu-se um debate conflituoso tão intenso que gerou o depósito dos restantes 50% do valor do dinheiro, em apenas 3 dias.

Figura 15: Gráfico publicado mensalmente na página da comunidade para informar sobre o pagamento de contas.



Fonte: Facebook, 2014.

A discussão surge a partir de Freitag, responsável pelos tramites financeiros no período, que ao organizar as contas da Casa, pelo “espírito colaborativo”, declara publicamente:

Figura 16: Discussão na página da Casa Liberdade no Facebook.

“Tenho pensado uma coisa que talvez esteja na mente de mais algumas pessoas por aqui. O fluxo de pessoas e eventos na casa têm aumentado bastante. Abundam conexões. Contudo, a dois dias do prazo, resta arrecadar

mais de 50% do dinheiro.

Neste clima de abundância, que fluxo está trancado?

Algumas hipóteses.

1) comunicação. Talvez estejamos focando demais no "faça o que quiser" e esquecendo da co-responsabilidade pela manutenção da casa, que inclui a parte financeira. Como comunicar isso claramente?

2) retorno. Talvez o que tem ocorrido na casa ainda não esteja gerando o retorno financeiro para manter o espaço. É de se pensar como auxiliar e potencializar as iniciativas para que todos ganhem.

3) percepção de valor. A existência da casa só faz sentido se gerar valor à rede de pessoas. A casa é um meio para um fim, não o objetivo em si: potencializar conexões e realizações. O que podemos fazer a respeito?

4) organização pessoal de cada um. Talvez haja sim percepção de valor e vontade de contribuir, e com a abundância de estímulos do dia a dia, se percam as datas de fazê-lo. Como desenvolver a habilidade de priorizar as ações mais importantes do momento?

Deixo perguntas para pensarmos e co-criarmos soluções. Não tenho dúvidas de que estamos no caminho certo. A casa seguirá existindo enquanto fizer sentido que ela siga existindo. Até lá, vamos aprendendo com este experimento único Beijos!"



(Texto publicado na página virtual da comunidade)

Fonte: Facebook, 2014.

A admirável foto do fenômeno da natureza, do movimento coletivo dos pássaros, foi uma junção suficientemente eficaz para que performances colaborativas ocorressem na Casa, a sequência de comentários e discussões sobre a pertinência da Casa Liberdade agilizou o pagamento das contas e a angústia transformou-se em tranquilidade e no sentimento forte de que tudo ali valia à pena, os vínculos se fortaleceram e a pró atividade se potencializou não apenas na forma de pagamentos mas em mais ofertas de projetos e “chamados” (convites). Observe o fragmento da tabela abaixo, os dados referem-se às colaborações feitas no período, podendo nomeadas ou anônimas através da plataforma de pagamentos pela opção “Cx. Gratidão”, reafirmando que não se trata de um “gasto” mas sim de “gratidão” dentro do chamado “ciclo da abundância”.

Figura 17: Fragmento de tabela<sup>15</sup> dos registros das colaborações, disponível na página da comunidade

15/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 10,00
18/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 11,10
22/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 281,10
22/09/2014	Daniel Wildt	R\$ 200,00
23/09/2014	Layla Lud	R\$ 50,00
23/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 294,00
25/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 210,00
28/09/2014	Organizações de Centro Vazio	R\$ 100,00
29/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 10,00
29/09/2014	Gui Lacerda	R\$ 500,00
28/09/2014	Cx. Gratidão	R\$ 70,00
30/09/2014	Mari Santos	R\$ 50,00
03/10/2014	Cx. Gratidão	R\$ 15,05
06/10/2014	Dragon Dreaming	R\$ 500,00
06/10/2014	Estaleiro Liberdade	R\$ 725,00
06/10/2014	Cx. Gratidão	R\$ 3,00
06/10/2014	Diego Gheno	R\$ 20,00
07/10/2014	Marcelo (Agein)	R\$ 50,00
07/10/2014	Sílvia F. Marcuzzo	R\$ 40,00
07/10/2014	Lauren Aita	R\$ 80,00
07/10/2014	Ariel	R\$ 30,00

Fonte: Facebook, 2014.

<sup>15</sup> Os valores mais altos da tabela referem-se a colaborações geradas a partir de eventos no espaço da Casa, como cursos ou workshops, em que parte da verba adquirida é revertida para a Casa.

Cabe aqui ressaltar um ponto fundamental, como afirma Bourdieu (2005) em “É possível um ato desinteressado?” Esses atos só fazem sentido para aquele que estão envolvidos no “jogo”, ou melhor, “dentro do jogo”. A relação interesse e desinteresse andam lado a lado em todos os cantos da Casa, o processo de contribuição financeira é proporcional ao interesse econômico e afetivo que cada membro tem com a Casa, mantêm-se uma relação de busca pelo êxito financeiro dos dois lados, tanto individual como do coletivo, é isso que mantém o chamado “ciclo da abundância”. Na tabela acima, o “Cx. Gratidão” refere-se às colaborações feitas de forma anônima através de um site de pagamentos ou a partir do depósito de dinheiro em espécie em um caixa localizada na entrada da Casa. A ideia de “gratidão” remete mais uma vez ao debate de Bourdieu, o “desinteresse” e a ênfase no “dar” traz satisfação aos participantes.

Sobre as ritualidades da troca, como os “chamados”, os densos discursos e as performances do “espírito colaborativo” no ato de incluir e envolver pessoas, devo mencionar que fui afetada. Nas palavras de Fravet-Saada (2005):

"Ser afetado" concerne a "uma dimensão central do trabalho de campo", à experiência de habitar um "outro lugar", de ser "tomado" pelas suas "intensidades específicas", as quais, em geral, "não são significáveis". (FRAVET-SAADA, 2005, p. 155)

Fui afetada pela ideia de que a Casa poderia não mais existir se eu não me responsabilizasse por ela, e, nesse caso, responsabilizar-me significava ajudar a pagar as contas. No processo de familiarização com a estrutura da Casa, ficou evidente que ela só seria possível através dessa afetação, e que eu, enquanto pesquisadora não era nenhum indivíduo a parte senão mais uma participante (mesmo que observadora) desse coletivo e igualmente responsável por sua existência. Segue-se com Fravet-Saada (2005):

Não se trata, como já se escreveu, de entrar em uma relação fusional com as pessoas com as quais estudamos, nem de imaginar, por um condescendente empatia, como seria estar no lugar delas, mas de efetivamente estar nesse lugar, de habitá-lo, ou de ser habitado por ele, não, novamente, por ter se tornado igual àqueles que o ocupam, e sim pelo fato de experimentar as intensidades que o constituem, as mesmas que virtualmente existem "comme une force anonyme,

commeun 'ça' venuonne sait d'où” (FAVRET-SAADA, 1977, p. 311).

A “afetação” aqui toma a forma de “responsabilidade”, mesmo que ambígua. Penso-a enquanto responsabilidade antropológica em dar importância ao que é relevante para o próprio campo mas também na forma de “responsabilidade” enquanto termo êmico, adquirida através de engajamento e envolvimento denso e afetivo construído a partir da socialização na Casa. Constantes distanciamentos e familiarizações foram fundamentais nesse processo de “afetação” e nesse momento de escrita reconheço a importância dessa responsabilização no trabalho de campo, tornou explícito o “espírito colaborativo” e a hibridez de suas práticas, entre afetos e razões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência etnográfica em uma comunidade recheada de ritualizações e crenças próprias em um universo virtual e presencial potencializa a trama em que as relações dos indivíduos são construídas. Tornar possível a existência de uma casa como a Casa Liberdade e potencializar seus ditos “princípios” a partir de uma rede eficaz, torna possível enxergar a Casa como, de fato, “coisa” (INGOLD, 2009), emaranhada em relações afetivas e econômicas em um imaginário de globalização muito bem tramadas; a Casa adquire vida própria.

A dádiva, livre e obrigatória, circula na Casa e na rede pela crença na reciprocidade, pela liberdade de usufruir de um espaço e de um coletivo mas também da responsabilidade de mantê-lo. Minha experiência dentro desse espaço, tanto na Casa como na observação da rede, foi de constantes estranhamentos e familiarizações, estar na Casa é “estar no jogo” como Bourdieu refere no texto “É possível um ato desinteressado?”, processo intenso e que só faz sentido para quem a vive.

A partir do processo de campo e o envolvimento em reuniões, eventos e no próprio cotidiano da Casa explicitam-se questões que no momento da escrita tornam-se difíceis de descrever, “estar no jogo” é perceber sentidos e racionalidades que para quem não está no jogo não fazem sentido algum, assim como perceber que o jogo existe, por possuírem habitus e pertencerem ao mesmo campo; um campo híbrido de interesses e desinteresses ou mesmo “recalques de interesse”, em que o valor é atribuído aquele desinteressado, que não explicita a busca pelo lucro e apenas se entrega para manter a Casa.

A questão aqui é que o interesse econômico é valorizado para que a Casa siga existindo, pois a partir do sucesso financeiro de cada um a comunidade se sustenta como coletivo, os discursos “desinteressados” surgem no momento de pagar as contas, em que os indivíduos desprendem-se de grande parte do que adquiriram ao longo do mês para entregar para Casa. A “Illusio” neste caso é “estar preso ao jogo”, é saber que o jogo vale à pena, mesmo que seja necessário fazer um “investimento”, simbólico e econômico. Esse “investimento” está pautado em preocupações sociais e ecológicas e cultiva a horizontalização de relações mas ainda assim se caracteriza como

práticas empreendedoras. Assim, se torna possível refletir sobre um corte de classe que atribua essas características e preocupações ao jovem empreendedor imbuído de discursos que rompem com uma perspectiva capitalista tradicional.

Manifestam-se posturas “neo-anarquistas” no processo contra hierárquico que a Casa postula, mesmo que lideranças se auto nomeiem ao longo do tempo, há uma circulação significativa das responsabilidades, o que permite um movimento horizontal na administração do espaço. Ainda assim, também se faz possível pensar sobre um movimento “hiper individualista” na defesa de discursos como “faça o que te faz feliz” na intenção de manter uma atividade profissional que gere “realização pessoal” e autoestima elevada.

A junção desses propósitos se manifesta no espaço da Casa e se expande através da rede que acaba por constituir uma “comunidade de sentimentos” em que os mesmos princípios são compartilhados, criando uma relação de interdependência entre a rede e a Casa. A intenção deste estudo foi pensar as formas como as relações se estabelecem na Casa e na rede e que se tornam explícitas a partir de ritualizações de trocas e discursos sobre reciprocidade e responsabilidade. Na medida em que os discursos são trabalhados periodicamente, as práticas dos membros da Casa e da rede se resignificam e se fortificam.

Devo terminar esse trabalho afirmando que fui “afetada”. Fui afetada pela ideia de que a “vida colaborativa” é possível, que as relações horizontais funcionam (sem negar lideranças) e que a rede é eficaz. O processo de “afetação” e “desafetação” constante me leva a concluir que apesar das crenças no “espírito colaborativo”, como chamei anteriormente, talvez só seja possível em função da sua temporalidade, ou seja, é possível que a comunidade da Casa Liberdade só exista por um tempo determinado que a torna efetiva enquanto dure. Essa percepção é reafirmada pelos participantes da Casa que frequentemente mencionam a teoria de “Temporary Autonomous Zone” (Hakim Bey, 1985) em que analisa as zonas autônomas como necessariamente temporárias. A ideia de que a comunidade pode terminar no mês seguinte potencializa emoções e os princípios colaborativos da Casa, é a noção de temporalidade que permite que ela exista.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões Culturais da Globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1997.
- CASAL, Adolfo Yáñez. **Entre a Dádiva e a Mercadoria: ensaio de antropologia económica**. Lisboa: Edição do autor, 2005.
- CAILLÉ, Alain. Nem individualismo, nem holismo metodológico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 13, n. 38, oct. 1998.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Les mots, la mort, les sorts**. Paris: Gallimard, 1977.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a Dádiva. In: **Revista Sociologia Política**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora, 1994.
- LEWGOY, Bernardo. “A Invenção da Ciber(Cultura): Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço”. **Civitas**, Porto Alegre, v.9, n.2, p. 185 – 196, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac e Naify, 2011.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.
- MAUSS, Marcel. “Esboço de uma Teoria Geral da Magia” in \_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia** . São Paulo: Cosac & Naify. 2003
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à Obra de Marcel Mauss” in \_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003

PEIRANO, Marisa. **Antropologia não é método**. 2014. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014\\_antropologia\\_ao\\_e\\_metodo.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/artigos/2014_antropologia_ao_e_metodo.pdf)>. Acesso em: 24 out. 2014.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SAHLINS, Marshall. **Cosmologies of Capitalism**. The Trans-Pacific Sector, 1988.

SAHLINS, Marshall. **Culture and practical reason**. Chicago. The University of Chicago Press, 1976.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ZELIZER, Viviana. **The Purchase of Intimacy**, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 2005.

ZELIZER, Viviana. **Economic Lives: How Culture Shapes the Economy**. Princeton: Princeton University Press, 2010.

## APÊNDICE A

### Roteiro de Entrevista Semiestruturada/ Aberta:

A curiosidade é logo substituída por indagações sobre como a realidade social é construída. Esta demanda é habitada por aspectos comparativos que nascem da inserção densa do pesquisador no compromisso de refletir sobre a vida social, estando antes de mais nada, disposto a vivenciar a experiência da intersubjetividade, sabendo que ele próprio passa a ser objeto de observação. (LÉVI-STRAUSS, 1974, p. 36)

No universo em que esse estudo se situa a entrevista aberta cumpre os objetivos de forma mais efetiva que outros formatos na medida em que o entrevistador e entrevistado se colocam uma posição de diálogo informal porém conscientes dos fins da pesquisa. A posição de diálogo favorece o espaço para uma conversa significativa, a partir dos princípios que Martin Buber (1925) chamaria de uma relação EU-TU e não EU-ISSO.

#### Objetivos da Entrevista:

- Estabelecer uma relação de empatia com o entrevistado.
- Compreender o estilo de vida (indicativos de Bourdieu) do entrevistado/grupo.
- Compreender a trajetória do participante e suas escolhas pessoais e profissionais.
- Compreender sua visão de mundo.
- Compreender o significado de trabalho para o indivíduo.
- Identificar os medos e alegrias desse indivíduo no que se refere ao futuro profissional.

#### Bloco I: Trajetória

Nesse primeiro bloco, a abordagem será bastante intimista, trazendo elementos pessoais para compreender o processo de adesão ao movimento.

- “Gostaria de saber um pouco da tua trajetória, se possível, conte-me um pouco da tua origem familiar, onde nasceste, em que locais já morou, quem fez e faz parte da tua trajetória até hoje.”

## Bloco II: Escolhas

Nesse segundo momento, seguirei a abordagem intimista trazendo episódios concretos.

- “Pensando na tua trajetória, quais forma as grandes escolhas que fizeste até hoje considerando também tuas maiores conquistas. Não só profissionalmente mas também no âmbito pessoal.”
  - Quais as atividades que te definem?

## Bloco III: Na Casa

Passa-se para um momento crucial de entendimento do espaço assim como da percepção de papéis na Casa.

- Como chegaste até a casa?
- O que te motivou para buscar esse espaço?
- Como as coisas acontecem aqui? Como fostes recebido(a)?
- O que te faz acreditar nisso?
- Podes me contar um pouco do funcionamento da casa?
- Quantas pessoas circulam? Que grupos/empresas existem aqui?
- Como são esses grupos? Como se diferenciam um dos outros?
- Afinal, o que ocorre exatamente aqui dentro? Além do que se propõe, qual o cotidiano da Casa?
- Como te sentes em relação aos outros da Casa?

- Como te enxergas antes e depois da entrada na Casa? Que mudanças percebes? Houve mudanças?
- O que te deixa feliz? O que te deixa com medo? O que te motiva a estar aqui dentro? Por quê aqui dentro?

#### Bloco IV: Planos e Interfaces

Projeção para trazer as interface da vida dentro da Casa para fora da Casa, a vida e o sistema, o trabalho e o estilo de vida.

- Quais os planos que já tivestes e quais são estes hoje em dia?
- A Casa é para sempre? Para onde vais? Que caminhos profissionais/pessoais vais seguir?
- Como seguir com os princípios da Casa, dos quais acreditas, fora da Casa?

## ANEXOS

Gráficos sobre o movimento financeiro da Casa, postados mensalmente na página da comunidade.

